

CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO
CURSO DE BACHARELADO EM SERVIÇO SOCIAL

JOSÉ DAVY BATISTA SALES

SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: Uma análise com estudantes
do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.

JUAZEIRO DO NORTE/CE

2019

JOSÉ DAVY BATISTA SALES

SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: Uma análise com estudantes
do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Banca Examinadora, como exigência para a obtenção de título de Bacharel em Serviço Social, pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.

Orientador: Prof. Aldair Pércles Bezerra Monteiro,
Esp.

JUAZEIRO DO NORTE/CE

2019

JOSÉ DAVY BATISTA SALES

SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: Uma análise com estudantes
do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.

Trabalho de conclusão de curso apresentado a
Banca Examinadora, como exigência para a
obtenção de título de Bacharel em Serviço Social,
pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.

Orientador: Prof. Aldair Péricles Bezerra Monteiro,
Esp.

Aprovado em: Juazeiro do Norte/CE, _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA:

Esp. Aldair Péricles Bezerra Monteiro Esp.
Orientador

Esp. Jamille de Lima Vieira
1ª Examinadora

Esp. Pautília Ferraz Araruna
2ª Examinadora

“A única diferença entre a loucura e a saúde mental é que a primeira é muito mais comum”.

Millôr Fernandes

Dedico este trabalho a todos aqueles que se aventuram no mar do conhecimento e apesar dos danos e contratemplos continuam a remar em buscar do saber.

AGRADECIMENTO

Gratidão primeiramente a minha mãe Maria Batista Santos que é minha base e meu exemplo de vida. Ao meu pai Francisco José Ferreira Sales (in memoriam), que não está mais entre nós, mas continua sendo minha força na vida, sua lembrança me inspira e me faz persistir. Ao meu companheiro Francisco Robson Souza Bezerra por me apoiar e ajudar nas minhas escolhas.

Agradeço aos meus amigos, em especial a Crislielle Ferreira dos Santos, por estarem comigo nos momentos de aprendizado, alegria e de dificuldade; aos professores que contribuíram não somente com o conhecimento sobre a academia, mas sobre a vida, em especial ao meu professor orientador Aldair Péricles Bezerra Monteiro por ser um amigo, um exemplo tanto como profissional, quanto ser humano, bem como a Cecília Bezerra Leite, orientadora de estágio I e Marcia de Sousa Figueiredo orientadora de estágio II e coordenadora do curso que possibilitou a realização da pesquisa. Por fim e não menos importante a banca examinadora que se dispôs a ler e contribuir com o meu trabalho.

Gratidão a todos aqueles que de maneira ou de outra contribuíram no percurso da graduação até a chegada desse momento de finalização de um ciclo para início de novos.

RESUMO

Este estudo destina-se debater a saúde mental, ao explorar correlação de fatores que contribuem para o processo de adoecimento mental dos indivíduos que estão no período de graduação. Segundo o relatório global lançado pela Organização Mundial de Saúde – OMS em 2017, o adoecimento mental atinge em média 20% da população mundial, no Brasil esses dados estimam que 23 milhões são afetados, sendo nos jovens com faixa etária entre 18 e 25 anos a maior incidência ocorre no período de ingresso nas instituições de ensino superior– IES. A partir disso, o presente estudo tem por objetivo, analisar o quadro de saúde/ adoecimento mental dos discentes do Centro acadêmico Dr. Leão Sampaio, dessa maneira, é necessário apontar os valores capitalista: competitividade, fetichismo e alienação, identificar o contexto socioeconômico e a pressão gerada pela universidade e investigar opiniões dos estudantes referente aos aspectos causadores de pressão ou dano psicológico no processo de graduação. A pesquisa justifica – se porque ao estudar e caracterizar o perfil dos discentes quanto à saúde mental, é possível sinalizar os aspectos de riscos e sondar o nível de percepção dos estudantes acerca dos sintomas de adoecimento que podem desenvolver ampliando assim a discussão do tema, a conscientização dos indivíduos e da IES, acerca da problemática em questão, além de a instituição ao ofertar tal serviço traz suporte para a redução de números de trabalhos com essa abordagem, além de formar profissionais saudáveis que atuarão na sociedade de forma adequada e eficiente cooperando para redução dos sinais e sintomas de adoecimentos e transtornos mentais. A pesquisa baseou-se no caráter descritivo, na abordagem qualitativa, sendo realizada a pesquisa de campo, utilizando questionários estruturados, que serão respondidos por parte discentes da IES. Estar distribuído estruturalmente em três capítulos, onde juntamente com Marx (1988), Silva (1999), Pedrosa (2008), Almeida (2012), aponta as metamorfoses do mundo trabalho e o adoecimento mental; através da literatura de Freire (1987), Foucault (1987), Santos (2011), Amarante (2015) debate acerca da formação profissional e o cotidiano universitário e investiga saúde/ adoecimento mental dos estudantes do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Traz como achado a importância e necessidade de debater, intervenção e estratégias que promovam uma saúde mental no processo da graduação visando o bem – estar para que os discentes não tenha a formação/vida interrompida por estar adoecido.

Palavras – chave: Saúde mental. Educação. Graduação. Adoecimento mental.

ABSTRACT

This study is about mental illness, when we explore the correlation factors that contribute with the process of mental illness from individuals when they are in the period of the graduate. According to the global report launched from the Health World Organization – OMS in 2017, the mental illness reaches in average 20% of the world population, in Brazil these datas estimate that 23 millions are affected, being in Young age range 18 between 25 years old the most incidence occur in the period of they inter in the higher education – IES. As from this, the study has the goal to analyze the healthy chart, the mental illness of the college students from the academic center Doutor Leão Sampaio, this way, its necessary to point the capitalista values competitiveness, fetishism and alienation, identifying the contexto socioeconomic and the pressure generated by the college and to investigate the opinions of the students when refere to the causers aspects of the pressure or phychological damage in the graduation process. The research justify – if its possible the study and characterise the profile of the students, like the mental illness it is possible signal the aspects and risks and to see the level of perceptation about of the symptoms of the illness that must develop exending this way the discussion about the theme, the awareness of the individuals and the IES, about the problematic that talk about, besides the institution offering such servisse bring to us the support to reduction of the numbers of the Works with this approach, besides to formate health professionals that will act in the society in appropriate and eficiente way cooperating to reducion of the signals and symptoms of the mental illness and disorders. The research has based to in descriptive character in the approach qualitative beeing carried out the research field using structured questionnaire that will be answered for some college students of the IES. It was distributed structurally in three chapters, where together with Marx (1988), Silva (1999), Pedroso (2008), Almeida (2012), this point the metamorphosis of the world work and the mental illnes, through the literature of Freire (1987), Foucoult (1987) Santos (2011) Amarante (2015) to debate about of the profissionals formation and the daily of the college students and investigate health / mental illness of the college students of the College Center Dr. Leão Sampaio. To show the importance and necessity of the interventions strategies that promote one mental illness in the processo f the graduation aiming the good for that college students don't have one formation / life interupted for is sick.

Key words: mental health . Education. Graduation. Mental illness.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CF 88 – Constituição Federal de 1988.

DSM – 5 – Manual Diagnóstico e Estatístico De Transtornos Mentais.

IES – Instituição de Ensino Superior.

OMS – Organização Mundial de Saúde.

ONU – Organização das Nações Unidas.

UFAM – Universidade Federal do Amazonas.

UNILEÃO – Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escola dos “tempos modernos”	29
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Semestre atual.....	40
Gráfico 2 - Ocupação	40
Gráfico 3 – Disciplinas em atraso.....	41
Gráfico 4 - Sente-se mal por deixar de estudar	42
Gráfico 5 - Pressão familiar, amigo e parceiro(a)	43
Gráfico 6 - Privação de atividades de lazer	44
Gráfico 7 - Ter que decidir entre faculdade e emprego	45
Gráfico 8 - Parou de realizar atividade física.....	46
Gráfico 9 - Alimentação desregulada	46
Gráfico 10 - Discurso que se deixa de viver devido a graduação.....	47
Gráfico 11 - Mudança no horário de dormir	48
Gráfico 12 - Sente angústia no decorrer das aulas	49
Gráfico 13 - individualidade e disputa por nota	50
Gráfico 14 - Desistir do curso	51
Gráfico 15 - necessidade de intervenção e promoção de apoio institucional	52
Gráfico 16 - Reprodução de conteúdos.....	53
Gráfico 17 - A instituição forma o profissional que você deseja ser	54
Gráfico 18- Preparado para o mercado de trabalho	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – METAMORFOSES DO MUNDO TRABALHO E O ADOECIMENTO MENTAL.	13
1.1 Alienação, fetichismo e competitividade.....	16
1.2 Saúde e adoecimento mental: Estresse, depressão e ansiedade.	19
CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO PROFISSIONAL E O COTIDIANO UNIVERSITÁRIO: PRESSÃO OU OPRESSÃO.	25
2.1 Educação a serviço do capital X Educação Emancipadora.....	25
2.2. O estudante do Ensino Superior: Fatores para o adoecimento mental.	32
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DA SAÚDE/ ADOECIMENTO MENTAL DOS ESTUDANTES DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO.	37
3.1 Caracterizações do campo de pesquisa.....	37
3.2 Procedimentos metodológicos.....	37
3.3 Percursos para o adoecer.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE	63
ANEXO	68

INTRODUÇÃO

Dada às modificações do sistema capitalista para capturar a subjetividade operária de modo integral, ocorre um acirramento das expressões da questão social, dentre esses há um salto no índice alarmante de adoecimento mental, mas devido à escassa discussão sobre o tema, nem todos os espaços que contribuem com a saúde do indivíduo, de maneira de debater o tema e promover ações preventivas ou intervencionistas com intuito de reduzir as estatísticas e auxiliarem as pessoas a administrar as esferas da sua vida.

As vivências no percurso da graduação, geram impactos na vida dos discentes. Na medida em que o indivíduo se distancia de si, dos outros e reduz as suas atividades externas em função do mundo acadêmico, em detrimento da realização das atividades, estudos e pesquisas exigidas pela instituição de ensino, o mesmo amplia a tendência de adoecimento mental, aderindo fobias, tensões e síndromes por não estar conseguindo administrar as esferas da sua vida.

Sem nenhum suporte para que se possa tratar, a disposição é que se venha a piorar, pois sem reconhecer ou ignorando os sintomas por esses não serem debatidos a ponto de notar a necessidade de ajuda profissional, o que pode ocorrer é se tornar disfuncional em todos os âmbitos de sua vida, nesse sentido, o processo de graduação contribui para o adoecimento mental dos discentes?

Para tanto objetiva-se analisar a correlação de fatores que cooperam para o processo de adoecimento mental dos discentes do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Dessa maneira, é necessário apontar os valores capitalista: competitividade, fetichismo e alienação, identificar o contexto socioeconômico e a pressão gerada pela universidade e investigar opiniões dos estudantes referente aos aspectos causadores de pressão ou dano psicológico no processo de graduação.

A presente pesquisa justifica – se porque ao estudar e caracterizar o perfil dos discentes quanto à saúde mental, é possível sinalizar os aspectos de riscos e sondar o nível de percepção dos estudantes acerca dos sintomas de adoecimento que podem desenvolver, além de analisar como está a saúde mental dos discentes do ensino superior em específico da UNILEÃO, ampliando assim a discussão do tema, conscientizando os indivíduos e instituição. A instituição ao ofertar tal serviço traz suporte para a redução de números de trabalhos com essa abordagem, além de formar profissionais saudáveis que atuarão na sociedade de forma adequada e

eficiente cooperando para redução dos sinais e sintomas de adoecimentos e transtornos mentais.

O percurso metodológico baseia-se no método dialético, com caráter descritivo, trará uma abordagem qualitativa, será realizada a pesquisa bibliográfica e de campo, diante da população de trezentos discentes do curso de serviço social, a amostragem terá a parcela proporcional à população, utilizando questionários estruturados com perguntas abertas e fechadas para realizar a análise e interpretação de dados da pesquisa.

A monografia estar distribuído estruturalmente em três capítulos, onde no primeiro momento, dialogando com Marx (1988), Silva (1999), Pedroso (2008), Almeida (2012), aponta-se as metamorfoses do mundo trabalho para atender as necessidades do capital, além das ferramentas utilizadas para capturar a subjetividade do sujeito e como esse contexto acarreta no adoecimento do indivíduo.

No segundo momento será debatido através da literatura de Freire (1987), Foucault (1987), Santos (2011), Amarante (2015), sobre o modelo de educação vigente, bem como a contribuição dessas para a manutenção do sistema capitalista, a desigualdade social, a reprodução da concentração da riqueza na minoria, além das possibilidades de mudança a partir de uma educação crítica, onde o sujeito é um participante ativo nas escolhas sociais, bem como os fatores que adoecem o estudante do ensino superior.

O terceiro momento engloba a caracterização do campo de pesquisa, com luz do conhecimento de Gil (2008), Zambello (2018), Marconi & Lakatos (1996), o percurso metodológico traçado para posteriormente analisar, interpretar e apresentar os dados obtidos com a pesquisa realizada com os discentes de serviço social da UNILEÃO.

Deseja-se fomentar a necessidade de intervenção e estratégias que promovam uma saúde mental no processo da graduação visando o bem – estar, onde tal suporte na vida acadêmica colabore para o crescimento do indivíduo, onde esse consiga administrar as esferas da sua vida, de maneira que a sua formação/vida não seja interrompida por estar adoecido.

CAPÍTULO 1 – METAMORFOSES DO MUNDO TRABALHO E O ADOECIMENTO MENTAL.

A relação entre Capital e Trabalho é o que movimenta o mundo do capital, pois o capitalismo ultrapassa o ambiente de trabalho e permeia por todos os espaços da vida do indivíduo. Para compreendermos essa relação, é necessário analisar que a concepção de trabalho vem tomando novas proporções, de forma heterogênea e diversificada, não se limita ao trabalho manual direto. De acordo com Antunes e Alves (2004), o trabalho compreende a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho, incorporando também a totalidade do trabalho social, do trabalho coletivo, do trabalho informal que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário.

O ambiente globalizado está em constantes modificações, gerando fortes concorrências e intensas competições entre as empresas e os trabalhadores, esses tem que se adaptarem as condições de imprevisibilidade e apresentarem soluções rápidas e eficazes. Conforme Castells (2005), as empresas devem apresentar uma organização em torno do processo, horizontalidade, gerenciamento de equipe, recompensa com base no desempenho da equipe, treinamento e retreinamento de funcionários de todos os níveis, medir o desempenho pela satisfação do cliente e maximizar o contanto com os fornecedores. Já os trabalhadores têm que obter diversas habilidades e capacidades que proporcione transformar continuamente suas atividades, assim, é necessário um maior envolvimento do indivíduo com o trabalho, é preciso apresentar participação e inovação.

O mundo do trabalho se reestrutura para atender as necessidades do capital, tomando como características, uma elevada base técnica e altamente diversificada e flexível, de acordo com Harvey (2002), entende-se como flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho e dos produtos e dos padrões de consumo; caracterizando-se pelo surgimento de novos setores de produção, novos mercados acompanhados da intensificação da inovação comercial, tecnológica e organizacional. Como também, redução de empregos formais, terceirização, trabalho temporário, informalizado e part-time (parcial), precarizado e desregulamentado que aumenta os níveis de desemprego. O trabalhador agora deve ser polivalente e multifuncional, como demonstra Silva:

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho – OIT, a formação polivalente é definida como modalidade destinada a dar aos participantes a mais ampla formação em vários ofícios relacionados com a profissão escolhida, a fim de ajudá-los a adaptar-se às características do trabalho. Também tem por objeto prepará-los a adaptarem-se à evolução técnica futura, assim como as outras oportunidades profissionais que poderão apresentar-se e abrir-lhes perspectivas de carreira” (SILVA, 1999, p.14).

O trabalhador deve ser capaz de operar várias máquinas simultaneamente, com capacidade de autonomia, de iniciativa e renovação contínua de seus conhecimentos, uma qualificação constante podendo assim realizar uma quantidade maior de operações e substituir outras e coadjuvá-las, ou seja, é extraída do trabalhador além da sua força física, a imaginação, a capacidade de cooperação, de organização, de criação.

O intuito é utilizar todas as potencialidades de sua inteligência para gerar novas formas de utilização de recursos, é cobrado ao indivíduo uma qualificação que gere conhecimentos e habilidades para intervir, decidir e agir em situações previsíveis ou inesperadas que atrelado a tecnologia e ferramentas das empresas produza serviços e novas formas de gerar lucros. Monteiro Leite apud Alves (2000), expõe que os atributos destacados pelas empresas delineiam um tipo ideal: responsável, maduro, equilibrado, motivado, criativo, ágil de raciocínio, dedicado, com facilidade de treinamento.

Assim, o capital não captura somente a força muscular, além dessa, apreende também a capacidade intelectual, o imaginário, o pensamento, a sensibilidade, já que esse é um instrumento que não se gasta, mas se reproduz cognitivamente, a mente humana traz consigo uma habilidade para criar e recriar, inovar gerando crescimento e produtividade. É necessário ter competência para julgar, avaliar e ponderar as possibilidades e gerar uma solução de forma prática e apropriada, ter habilidades de saber, saber fazer e saber fazer acontecer, é exigido um trabalhador mais flexível, versátil, atento para acompanhar a evolução e modificações tecnológicas e de mercado.

Pedroso (2012) aponta a necessidade de o trabalhador ter uma visão global sobre o ambiente em que está inserido, com capacidade de avaliação para melhoria de desempenho, na atualização permanente, na participação e na inovação de práticas para efetivar o desafio da qualidade.

A exigência de uma postura globalizada no mundo do trabalho direcionada para a obtenção de excelentes resultados dispara os sujeitos para a busca de

qualificações, aonde a formação foca em um ensino técnico que venha atender as necessidades do capital, um sujeito comunicativo que apresenta um comportamento proativo ou propositivo. Com a cobrança da prática excepcional no trabalho, os indivíduos empenham-se para atendê-las e não falhar, ampliando a possibilidade de adoecer, visto que esses espaços buscam somente retirar, extrair, exigir sem apresentar ações que contribuam para saúde, visando o bem estar do trabalhador.

As modificações estabelecidas pelo capital trazem como resultado três elementos básicos, conforme discute Rodriguez apud Pedroso (2012), transferência de responsabilidade de aprendizado ao indivíduo, o processo de formação contínuo e a ruptura com a perspectiva tradicional em torno das fases da vida, ou seja, o indivíduo deve ser capaz de buscar meios para se manter atualizado, de adquirir conhecimento, é preciso ser dinâmica, ágil, estar em constante reinvenção para acompanhar as transformações do mundo do capital, da sua vida.

Os indivíduos buscam o aprendizado/aprimoramento no horário de contra turno do emprego, dessa forma, o capital captura o tempo fora do trabalho para si, onde o investimento realizado pelo o indivíduo visa servir primeiro a requisição do outro para que possa também atender as suas necessidades e de seus dependentes.

Os quesitos postos pelo capital revelam dois lados da moeda, a primeira face apresenta o indivíduo participativo, escolarizado, moldável, atualizado, polivalente, a outra face atenuada com o surgimento de “um novo trabalhador”, é apresentado por Pedroso como:

Uma crescente massa de trabalhadores que perdem seus antigos direitos e, não se inserindo de forma competitiva no novo paradigma tecnológico, tornam-se desempregados, marginalizados ou trabalham sob “novas” formas de trabalho e de qualificação, em relações muitas vezes “precárias” e “não-padronizadas”. (PEDROSO, 2012, p.133).

Logo, nem todas as pessoas conseguem se adaptar, aprender e aplicar o conhecimento de forma fácil e rápida, pois cada indivíduo tem seu tempo e maneira de aprender sobre as coisas. A tensão, o receio de não aprender, de perder o emprego, de não conseguir seguir e suprir o que é cobrado podem resultar no adoecimento mental, pois seu medo e receio atingem todos os âmbitos da sua existência, o desemprego, alimentação, educação, segurança, moradia, saúde e

lazer, a relação com os outros, é estar impossibilitado de gerir sua sobrevivência, de se relacionar, de realizar a manutenção da sua vida e da família.

1.1 Alienação, fetichismo e competitividade.

O capitalismo utilizar-se de ferramentas para capturar a forma de visão de mundo do sujeito de maneira que ele desconheça o processo total de seu trabalho, sinta a necessidade de comprar e obter coisas que estejam em alta no mercado, gera a competição entre os indivíduos onde esses buscam o prestígio e aprovação social.

Dentre dos aparates utilizado está à alienação, que é descrita por Marx (1988), como o estado no qual um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam ou permanecem alheios, estranhos aos resultados ou produtos de sua própria atividade, na natureza na qual vivem e a outros seres e de si mesmo.

Para essa sociedade, o padrão maior de avaliação tende a ser a coisa, o bem, o produto; tudo é julgado como coisa, portanto tudo se transforma em coisa — inclusive o homem. E esse homem reificado só pode ser um homem alienado: alienado de seu trabalho, que é trocado por um valor em moeda inferior às forças por ele gastas; alienado do produto de seu trabalho, que ele mesmo não pode comprar, pois seu trabalho não é remunerado a altura do que ele mesmo produz; alienado, enfim, em relação a tudo, alienado de seus projetos, da vida do país, de sua própria vida, uma vez que não dispõe de tempo livre, nem de instrumentos teóricos capazes de permitir-lhe a crítica de si mesmo e da sociedade. (COELHO, 1980, p.6).

A alienação permeia a vida do trabalhador nas mais diversas formas, seja no processo de produção, seja nas relações fora do seu contexto de trabalho, impedindo-o o reconhecimento desses enquanto espécie humana, livre, indivíduo questionador, participante ativo da sociedade. Na medida em que o produto é enaltecido ocorre uma desvalorização do homem, o objeto é a coisa do momento, o homem torna-se uma mercadoria, se distancia de si para se tornar também em coisa.

Marx (2004), afirma que o trabalhador fica mais pobre à medida que produz mais riqueza e sua produção cresce em força e extensão. O trabalhador transfigura-se em uma mercadoria barata ao produzir mais bens, pressupõe que o objeto produzido é uma força externa, independente, estranho ao seu produtor.

Em relação ao trabalho, o sujeito não reconhece o produto final e nem sabe o

seu destino, pois o processo de construção é fragmentando e o trabalhador conhece só a “sua” parte, este é o estranhamento em não se reconhecer num produto que tem dentro de si a essência do trabalhador, que foi reificado, coisificado, se tornou parte desse processo, desconexo com o todo.

Mesmo que a maneira de trabalho tenha se modificado, não seja somente as linhas de produções, o processo de estranhamento e reconhecimento sobre o trabalho permanece fragmentando, alheio ao indivíduo, pois quanto mais objeto o trabalhador produz, mais fica dominado pelo o produto final, que é propriedade de outro mesmo que esse seja fruto do seu trabalho.

A vida que foi dada ao objeto volta-se contra ele como uma força estranha e hostil, o trabalhador é escravo do objeto, do trabalho, em primeira instância por receber um objeto de trabalho e em segundo momento por receber salários, para sua subsistência (mesmo que não contemplem a necessidade do ser). Desse modo o objeto é quem habilita a existência do indivíduo, além do reconhecimento pela sociedade, primeiro é visto como trabalhador depois como sujeito social.

Além do desconhecimento do produto final, há a alienação pelo processo de produção, onde o trabalho não gera satisfação, prazer para o indivíduo, pois, o trabalho é forçado para que se possa sobreviver e o tempo gasto no trabalho exaure as forças do indivíduo. O indivíduo só se satisfaz em suas atividades animais, como comer, dormir, beber, mas é insatisfeito com sua atividade humana, o trabalho, que só é efetuado por coerção, esse está externo e é negado pelo sujeito, há a perda da espontaneidade, é um sacrifício constante, é mortificante, degradante, gerador do adoecimento físico e mental.

O produto é externo ao produtor e não lhe pertence, mas é propriedade de outro homem, que explora a natureza para extrair material e a força de trabalho do indivíduo para obtenção do lucro. Marx (1974), a produção capitalista não é apenas produção de mercadorias, ela é essencialmente produção de mais-valia. O operário não produz para si, mas para o capital. De modo que já não basta que ele, pura e simplesmente, produza. Ele tem de produzir mais-valia.

Só é produtivo o operário que produz mais-valia para o capitalista ou que serve para a autovalorização do capital. Esse lucro excedente como mais-valia, é caracterizado a partir do montante que o dono dos meios de produção se apropria a partir da exploração do indivíduo, onde o trabalhador ao realizar seu trabalho paga o seu salário e gera uma quantia, valor além que é destinado aos donos dos meios de

produção.

Marx (1974) aborda as facetas de se obter mais-valia, com o prolongamento do dia de trabalho para além do ponto em que o operário tinha apenas produzido um equivalente do valor da sua força de trabalho, e a apropriação deste sobretrabalho pelo capital — é isto a produção de mais-valia absoluta. Já na mais-valia relativa, o tempo de trabalho é fragmentado em duas partes: trabalho necessário e sobretrabalho. Para prolongar o sobretrabalho, o trabalho necessário é encurtado por métodos por intermédio dos quais o equivalente do salário do trabalho é produzido em menos tempo.

Para sustentar a vontade de trabalhar e gerar no indivíduo a necessidade de consumir determinado produto, o capitalismo utiliza do fetichismo de mercadoria, que é descrita por Silva (2012), é o processo de ocultamento das relações sociais as quais existem entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, fazendo, desse modo, com que pareça que tais relações se estabeleçam entre os produtos do trabalho, sucede uma inversão das relações reais de produção, que são sociais, para relações entre coisas, como é apresentado por Rubin:

Uma coisa é um intermediário das relações sociais, e a circulação das coisas está indissoluvelmente vinculada ao estabelecimento e realização das relações de produção entre as pessoas. O movimento dos preços das coisas no mercado não é apenas o reflexo das relações de produção entre as pessoas: é a única forma possível de sua manifestação numa sociedade mercantil. A coisa adquire características sociais específicas numa sociedade mercantil (por exemplo, as propriedades de valor, o dinheiro, o capital, etc.), graças às quais a coisa não só oculta as relações de produção entre as pessoas, como também as organiza, servindo como elo de ligação entre as pessoas. Mais exatamente, oculta as relações de produção precisamente porque as relações de produção só se realizam sob a forma de relações entre as coisas (RUBIN, 1980, p. 24-25).

Assim à vontade para obter determinado produto, é reforçado pela indústria cultural que vincula um significado social para aquele objeto, por meio de propaganda se estimula a necessidade de compra constantemente. Algo que é intrínseco do ser humano, como, alegria, felicidade, conforto, paz, saúde, é convertido e atribuído ao objeto, agora, não é necessário ser e sim ter, pois, para que eu consiga sentir umas dessas emoções é necessário que consuma o produto.

O fetichismo está atrelado à indústria cultural, que é abordado por Coelho (1980), como um instrumento que aliena, força o indivíduo a perder ou não formar uma imagem de si e da sociedade, uma das suas funções é a entorpecer através de

divertimento gerando pelos seus produtos, procurando a diversão, a indústria cultural estaria mascarando realidades intoleráveis e fornecendo ocasiões de fuga da realidade.

Com seus produtos a indústria cultural pratica o reforço das normas sociais, repetidas até a exaustão e sem discussão, busca obter um comportamento passivo do consumidor, assume uma atitude paternalista, dirigindo o consumidor ao invés de colocar-se à sua disposição, pois a fabricação de produtos tem como finalidade o lucro, a distorção do real e a degradação do gosto popular, pois quando mais aprecio o ínfimo, me questiono menos sobre o que ocorre ao meu redor.

O indivíduo é um ser sozinho para sobreviver perante o mundo selvagem. No cenário do mercado de trabalho, a competitividade entre os trabalhadores; o indivíduo é induzido a ter que se atualizar constantemente e a trabalhar cada vez mais, a ser cada vez mais sozinho, pois o outro deve ser devorado para que consiga seu lugar no mercado.

A competitividade se sobrepõe às diversas relações humanas inseridas nas organizações, aqui, ocorre à alienação do sujeito enquanto pertencente ao gênero humano, o ser humano se separa da sua essência, de sua ligação com o outro, a partir do seu trabalho, ele se individualiza, não é mais membro da sua espécie, é só um indivíduo solitário, o sujeito multifacetado é transformado em um sujeito unilateral e único, alheio aos outros. Sucede a alienação em relação aos outros homens, pois não me reconheço no trabalho que realizo, torno a própria vida em uma objetificação nociva e toda e seja qual for forma de vida não possui sentido algum, não representa valor para o indivíduo.

Como afirma Siqueira (2014), é necessário cuidar da existência do trabalhador que, por sua vez, precisa cuidar de sua própria existência. Mas se esse não faz parte do produto final e se o produto não é uma necessidade da sociedade, então por que se preocupar com isso? A única preocupação estrutural é a da própria sobrevivência e ela só acontece com a diminuição do sujeito em um trabalhador, o que certamente prejudica sua vida pessoal e sua saúde mental.

1.2 Saúde e adoecimento mental: Estresse, depressão e ansiedade.

O conceito de saúde / saúde mental tem no seu processo histórico modificações. Por muito tempo a saúde era analisada pelo viés médico hospitalar,

aqui, a saúde é vista somente como ausência de doenças, as patologias seria causada por um desequilíbrio e/ou disfunção no organismo, as medidas tomadas para sua resolutividade, é baseada no focal, superficial, sem realmente resolver o problema, além de tratar a loucura como algo que deve estar isolado afastado da sociedade.

Com a luta antimanicomial, a reforma sanitária e a psiquiátrica, a promulgação da Constituição Federal de 1988 (CF/88), o conceito de saúde passa a utilizar o modelo biopsicossocial, é um estado de bem estar físico, mental e social, não somente a ausência de doença, sendo um avanço para estudos e práticas em saúde, a saúde mental é definida pela Organização Mundial da Saúde - OMS (2002), estado de bem-estar no qual o indivíduo atua com as suas próprias capacidades, consegue lidar com as tensões normais da vida, trabalha produtivamente e contribui de forma eficaz para a comunidade.

Buss e Pellegrini (2007) aponta que os determinantes sociais de saúde são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnico-raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população, ou seja, a condição, os fatores da vida do indivíduo contribuem e determinam o bem estar e a sua saúde mental.

O indivíduo apresenta uma linha continua e dinâmica na busca pelo equilíbrio entre a doença e saúde, bem-estar e mal-estar, onde há uma interdependência entre os aspectos físico, mental e social. Para Lalonde (1977) o estado de saúde ou bem-estar reflete a interação entre o biológico, por exemplo, a hereditariedade; o meio ambiente, os fatores externos ao corpo humano e que estejam relacionados com ele; o estilo de vida, as decisões tomadas pelo indivíduo em relação a sua vida; sistema de saúde, em relação aos recursos de saúde.

A Saúde Mental e o Bem-Estar são áreas fundamentais do cotidiano das famílias, nas escolas, no trabalho, pelo que é do interesse de todos os cidadãos, independentemente das áreas de intervenção (nomeadamente a política), sendo uma preocupação de todos os setores com especial incidência na saúde e na educação: a Saúde Mental, a integração social e a produtividade. Em síntese, uma boa Saúde Mental é o seu grande valor intrínseco. (ALMEIDA, 2015, p. 30).

Uma promoção da saúde mental eficiente resulta na promoção do bem-estar, essa prática nos espaços que indivíduo frequenta gera menor sofrimento humano, menor incidência e predomínio de perturbações mentais e de comportamento, ou

seja, uma qualidade de vida melhor.

As expressões da questão social alavancam esse processo de adoecimento, pois se falta moradia, alimentação, saúde, emprego, educação, lazer e segurança, são aparates garantidos institucionalmente e não efetivados pelo o Estado, o indivíduo encontrará barreiras para gerenciar os âmbitos da sua vida, o sujeito não vai estar em perfeito estado.

Mas, na sociedade capitalista as pessoas estão cada vez mais expostas a diversas situações as quais precisam se adaptar, para atender as pressões e cobranças tanto da família quanto da sociedade, e sem dúvida essas expressivas mudanças passou a exigir do ser humano uma grande capacidade de adaptação física, mental e comportamental, ou seja, é necessário o indivíduo ter uma boa saúde mental.

Esse estilo de vida se baseia nas relações sociais, que estão na disputa para sobreviver e atender a demanda do capital está presente nesse meio de vida, a competitividade, desigualdades sociais, o preconceito, o desemprego, a exploração. Por esse motivo se tem gerado males à saúde mental, sendo os principais e mais comum o estresse, a ansiedade e a depressão, fenômenos estes que afetam o bem-estar físico e emocional, fazendo com que as pessoas afetadas por estas patologias não consigam realizar as várias atividades do seu cotidiano, pois estes têm sua capacidade de ver o mundo alterado. (De Moraes e Mascarenhas, 2010).

Nesse sentido, o bem-estar é afetado pelo o adoecimento mental, como, estresse, a ansiedade e depressão que prejudica a qualidade de vida do indivíduo, pois o seu comportamento apreendido nas relações formais e informais foi desequilibrado pelo adoecimento mental. Nesse sentido é necessário estar atento aos sintomas e níveis de cada doença.

O estresse pode ser caracterizado como uma manifestação do organismo, com componentes psicológicos, físicos, mentais e hormonais decorrentes da confrontação pessoal com uma situação que pode ser tanto positiva quanto negativa, que de alguma forma altere sua estabilidade e perturbem a homeostase, que é a capacidade de manter e reproduzir o equilíbrio diante de situações adversas, induzindo ao organismo disparar o processo de adaptação, para fortalecer o organismo com intuito de preparar ação. Tem como reações, taquicardia, sudorese excessiva, tensão muscular, boca seca e sensação de estar alerta, afetando o indivíduo tanto no físico como psicologicamente, comprometendo-o em várias

esferas, inclusive na cognitiva e emocional.

De Moraes e Mascarenhas (2010), afirma que os estressores são fontes geradoras de estresse, são classificadas como externas e internas, a primeira está relacionada aos acontecimentos do cotidiano, onde a pessoa tem pouco ou nenhum controle da situação, são mais fáceis de serem identificadas, a segunda deriva da personalidade, de pensamentos e modo como reagimos aos acontecimentos externos de acordo com as concepções do indivíduo. O processo do estresse iniciará a partir do momento que o indivíduo identifique o estímulo (positivo ou negativo) como ameaçador e avalie suas habilidades como ineficazes para lidar com a situação.

Há as fases quatro fases de estresse de acordo com Lipp (2000), alerta, resistência, quase exaustão e exaustão. A primeira fase, a de alerta, é o estágio positivo do estresse, onde o organismo se prepara para a luta ou a fuga da ação, gerando adrenalina, aqui, é produzida mais força e energia, aumenta o nível de atenção e o organismo recupera a homeostase após a situação desencadeadora.

Lipp (2000) explana que na fase da resistência o agente estressor permanece presente por tempo indeterminado, a tentativa de recompor a homeostase utilizar requer grande gasto de energia, gerando cansaço e perda de memória, o processo de estresse pode ser interrompido caso o organismo consiga se adaptar a situação e resistir ao agente estressor.

A fase de quase exaustão o estresse ultrapassa o limite gerenciável, o corpo, o emocional começa a apresentar sinais de fraqueza, a pessoa oscila entre momentos de tranquilidade e desconforto, aqui, a pessoa ainda consegue realizar as suas atividades. Por fim a fase de exaustão, não se consegue mais lidar com o agente estressor, há um grande desequilíbrio interno, o indivíduo não é capaz de se concentrar devido à exaustão psicológica e física, o organismo usufruiu toda a sua reserva de energia de adaptação, fica com o sistema imunológico, podendo atingir negativamente a qualidade de vida. (Lipp, 2000).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM – 5 (2014), a ansiedade é definida como um estado emocional desagradável e aflito, provocado pela suspeita ou previsão de um perigo para integridade da pessoa, é pavor diante de um perigo real ou imaginário, uma espécie de alerta constante para algo que venha ferir física ou moralmente.

O cotidiano do indivíduo pode apresentar ou se tornar disparadores da

ansiedade, o ambiente que ele frequenta as relações sociais que estão inseridas, a cobrança por respostas adequadas seja no trabalho ou na universidade, na sua vida subjetiva, quando o sujeito social não vive de acordo com os padrões impostos pela sociedade, logo a sociedade adoecida, adoecem o indivíduo.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM – 5 (2014) apresentam as características principais do transtorno de ansiedade generalizada são ansiedade e preocupação persistentes e excessivas acerca de vários domínios, incluindo desempenho no trabalho e escolar, que o indivíduo encontra dificuldade em controlar.

De acordo com Claudino e Cordeiro (2005), a ansiedade é comum e, de certa forma, normal em qualquer indivíduo sendo um estado adaptativo que o prepara para antecipar perigos ou ameaças (reais ou potenciais) a tomar medidas necessárias para reagir ou proteger, assim, seus sintomas são, sintomas somáticos – tremores, hipotonia muscular, hiperventilação, sudorese, palpitações – e sintomas cognitivos – apreensão, inquietação, distractibilidade, perda de concentração, insónias, Almeida (2015).

De acordo com Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM – 5 ((2014), o transtorno depressivo major – depressão – caracteriza-se por um período mínimo de duas semanas durante as quais predomina um humor deprimido ou perda de interesse ou prazer em quase todas as atividades. Nas crianças e adolescentes, o humor pode apresentar-se irritável ou rabugento em vez de triste.

O indivíduo pode ainda apresentar pelo menos quatro sintomas adicionais: alteração do apetite, do peso, do sono e da atividade psicomotora; diminuição da energia; sentimentos de desvalia ou culpa; dificuldade para pensar, concentrar-se ou tomar decisões ou pensamentos recorrentes sobre morte ou ideação suicida, planos ou tentativas de suicídio. Podendo surgir com outras características, raiva persistente, ataques de ira, constante culpabilização dos outros ou, uma das manifestações mais comuns, inúmeras dores corporais sem causa médica que as justifiquem. Podem ainda ocorrer perda de interesse por atividades que antes dariam prazer, passatempos, contatos sociais ou distração.

As perturbações depressivas incluem a Perturbação Depressiva Major, a Distímia e a Perturbação Depressiva sem Outra Especificação, sendo a primeira a mais severa e com tendência para se tornar recorrente ou crónica. A Distímia embora menos severa caracteriza-se pela sua extensão temporal (duração de pelo menos dois anos). A terceira, como a própria

designação indica, é uma perturbação depressiva que não se enquadra em nenhuma das outras duas situações. (ALMEIDA, 2015, p. 55).

A depressão Major é a combinação de sintomas que interfere na capacidade de realizar suas atividades, tais como, trabalhar, comer, dormir, ter prazer no que realiza. Seus sintomas mais frequentes são: Tristeza, ansiedade e sensação de vazio; diminuição da energia, fadiga e lentificação psicomotora; diminuição do interesse ou prazer em atividades habituais; alterações do apetite ou do peso (para mais ou para menos); perturbações do sono (insónia, dormir em excesso, acordar mais cedo que o normal); sentimento de desespero culpa ou inutilidade; pensamentos sobre morte, ideação suicida ou tentativas de suicídio; dificuldades na concentração, na tomada de decisões ou de memória; irritabilidade ou choro compulsivo; dores crónicas ou dores sem uma explicação física.

A depressão distímia é menos intensa do que a anterior, mas apresenta-se com o tempo de duração mais prolongado. O seus sintomas crónicos são menos severos, mas impedem o funcionamento pleno do indivíduo com também, impossibilita a sensação de se sentir bem, os sintomas incluem, além do humor depressivo, pelo menos dois dos seguintes sintomas: Alteração do apetite (para mais ou para menos); alteração do sono (insónia ou hipersónia); fadiga ou pouca energia; baixa autoestima; dificuldades de concentração ou de tomar decisões; sentimento de falta de esperança; sentimento de desvalorização.

CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO PROFISSIONAL E O COTIDIANO UNIVERSITÁRIO: PRESSÃO OU OPRESSÃO.

2.1 Educação a serviço do capital X Educação Emancipadora

Diante das transformações da sociedade capitalista a valorização do campo educacional ocorre a partir da mudança do capital dominante, passando do capital econômico para o capital escolar, onde a sociedade é regida pelo modo de produção embasado na educação escolar.

Conforme Syngli (2007), o valor de uma família (e do grupo social ao qual ela pertence) é definido pelo o montante de capital escolar que detém o conjunto dos seus membros. O grupo que possui o capital econômico vai transformar a sua riqueza em capital escolar a partir dos estudos e titulações dos seus descendentes para a perpetuação da sua riqueza e estatuto social, já aqueles que não possuem bens, busca na educação uma possibilidade de mobilização.

O capital escolar está atrelado a outros atributos sociais, riqueza, origem e grupo social, o modo de ensino é diferente a partir dessas condições, exercendo um papel determinante na valorização dos indivíduos na sociedade, que serão qualificados a partir da certificação gerada pela instituição, ainda terão de serem trocados por uma vaga no mercado de trabalho.

Enquanto os possuidores de riqueza investem nas melhores escolas para que seus filhos tenham conhecimento e continuem gerando riqueza para a sua família, a classe trabalhadora realiza inúmeros sacrifícios para que se possa investir na educação do filho para que esse entenda a importância do estudo e tenha a possibilidade de ter uma vida diferente dos seus pais. Nesse sentido as relações sociais entram em constante disputa por aprendizado, já que o conhecimento se tornou poder.

O sistema educacional traz em sua estrutura um modelo opressor que exige cobra, molda ensina regras métodos e formulas de maneira que não haja um questionamento, uma reflexão acerca do conteúdo explanado, mas são instruídos a reproduzir o padrão que foi ensinado para que assim possa classifica-los com adequados ou inadequados concedendo recompensas para os melhores e castigos e punições para os piores.

É necessário modificar e ensinar ao indivíduo as habilidades postas pelo

capital é preciso o adestramento do corpo e da mente do sujeito. Como aborda Foucault:

[...] nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (FOUCAULT, 1987, p.119).

Nesses sentindo, a instituição escolar no seu processo de ensino, molda a disciplina para tornar o indivíduo dócil, submisso e funcional a necessidade do capital, é ensinado, cobrado, exigido do sujeito sem levar em consideração sua subjetividade, além de não oferecem suporte necessário para que esses não venham a adoecer.

Essa lógica não leva em consideração o ser social e nem busca alcançar a totalidade do indivíduo, pois está atrelada aos interesses da classe dominante que de acordo com De Aragão (2016), a escola no capitalismo serve de via para a manipulação das consciências a favor da reprodução desse sistema, perpetuando a disciplina que é fixada e tem como finalidade preparar tecnicamente, social e ideologicamente os diferentes grupos de trabalhadores, para servir ao mundo do trabalho, sem questionar naturalizando todo o processo.

A instituição através da disciplina suprime ou domestica o comportamento que divergem do que é transmitido, para Foucault (1987), a escola é uma das instituições retira os sujeitos do espaço familiar ou social e os inserem em espaço, durante um período para moldar seus modos, doutrinar o comportamento, formatar o pensamento do indivíduo, tornado esse dócil, um corpo produtivo. Esse modelo de ensino favorece a classe dominante para que se mantenha no poder e distancia os ensinados do conhecimento crítico da realidade.

A instituição escolar é uma máquina de ensino, burocrática e uniformizadora, onde transforma a massa confusa e sem as capacidades necessárias, desordenadas para uma multidão moldada a atuar como mão de obra passiva e conformada, a escola exerce uma curatela moral sobre os sujeitos, assim, aqueles que entraram como desinformados passam a ser uma pessoa submissa e pronta para ser mais uma engrenagem no processo de exploração do capital.

Foucault (1987), afirma que no bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil, tudo deve estar voltado para dar

suporte ao ato requerido. A disciplina estabelece as relações que o corpo deve manter com o objeto que manipula, o espaço escolar utiliza desde as séries iniciais instruindo como manusear um lápis, como encaixar um brinquedo, como responder uma prova no tempo adequado para que futuramente o indivíduo saiba realizar seu trabalho de maneira que poupe tempo e em poucos movimentos.

O método aplicado para avaliar o indivíduo assemelha-se ao processo de produção, pois é pensando de modo que economize tempo, respondendo aos questionários de maneira rápida, apresentando um resultado positivo, reproduzindo o conteúdo depositado no indivíduo, sem questionamento, sem criticidade.

De Aragão (2016), estabelece que o acesso à educação foi garantido aos trabalhadores não por uma questão de direitos, mas sim pela necessidade de obtenção de uma mão de obra adequada para ampliar a produção. Segundo Marx e Engels, uma engrenagem de sustento da hierarquia social, ou o que Gramsci intitulou como instrumento hegemônico ideológico burguês, portanto, a educação é usada como método de controle e disciplina, sendo planejada de cima para baixo, assim a classe vigente se mantém no poder.

A educação se torna um ato de depositar no qual o educador é o depositante de conteúdos e os educandos são os depositários. Freire qualifica esse tipo de educação como bancária já que:

A narração de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo o educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 1987, p. 58).

Dessa forma a educação traz como característica a reprodução, repetição, memorização, o ensino é voltado para uma formação fragmentada, desconexa da totalidade em que se engendram. A função do educador é preencher os educandos de conteúdos prontos com a sua narração e os educando são os que recebem e reproduzem os ensinamentos.

Enquanto o educador é o que tem o conhecimento, os educandos são os devem aprender o conhecimento, o educador é o que pensa os educandos os pensados, o educador é o que preconiza sua opção, os educandos seguem a prescrição, o educador decide o conteúdo programático, os educandos não participam desse processo e se adequam a ele, o educador identifica a

arbitrariedade do saber com sua autoridade funcional, que confronta à liberdade dos educandos, estes devem ajustar-se às normas escolhidas.

Portanto, o aluno é visto como um ser vazio que nada sabe e deve ser preenchido com conteúdo depositado de forma engessada, sistematizada, desvinculada do contexto vivenciado pelo aluno fora do ambiente escolar, trazendo uma comunicação unilateral, classificatória, com foco em contabilizar, selecionar e segregar, cooperando para a competitividade e a individualidade, um processo de desumanização, o resultado final é um indivíduo gerado para obedecer sem questionar ou criticar, alienado, desinformado.

A consequência dessa prática é a contribuição para o adoecimento dessa população, que se tornam pessoas com problemas de autoestima, ansiosas, depressivas, estressadas, competitivas e individualistas que por naturalizar todo esse processo não vê a necessidade ou alternativas de apoio para tratar da saúde mental e corporal fragilizada.

De acordo com Nobre e Sulzart (2018) a escola tem como papel social a tarefa de, principalmente, realizar ações educativas que despertem o comprometimento social dos indivíduos, das entidades e dos grupos sociais, com intuito de fazer uma só aliança, promovendo assim mudanças e transformações no cumprimento do dever educacional, o preparo e formação dos estudantes em cidadãos. A depender do viés político da escola, essa estará contribuindo para a formação de cidadãos alinhados com os moldes do capitalismo ou compromissados com as mudanças sociais.

Na visão “bancária”, os homens são considerados como seres de ajustamento, de moldagem, ao invés de seres participantes que recria e modifica a realidade. Quanto mais é depositado e engendrado conteúdo, menos florescerá no indivíduo a consciência crítica, a possibilidade de se enxergar como sujeito inserido e transformador da realidade, pois o indivíduo age passivamente buscando adaptar-se ao mundo, aos modos e regras que lhe foi estabelecido, imposto, satisfazendo aos interesses dos opressores que buscam preservar a situação de que são beneficiários.

Dessa forma, o opressor reage contra qualquer tentativa que opere o lado analítico dos sujeitos. Beauvoir apud Freire (1987) reforça que o opressor pretende transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime. A educação a serviço do capital ligada a toda uma estrutura social que favorece uma

minoria em detrimento da exploração da maioria constrói uma imagem de uma sociedade, justa, boa e organizada.

Figura 1 – Escola dos “tempos modernos”



Fonte: Vini Oliveira - Brazilian political cartoonist (2016)

A educação vigente está esvaziada de criticidade, desvinculada da realidade, examina a repetição da palavra palestrada, a memorização dos trechos, a reprise do que foi depositado, para pontuar, aprovar aqueles que propagam a sua ideologia, além de reprovar e busca “formatar” aqueles que não se encaixam nesse sistema. O foco é uma sociedade ingênua que deixe suas problemáticas serem resolvidas pela minoria dominante ou quando se participa das decisões realiza-se de maneira simplória sem importar-se com os rebatimentos das decisões.

Essa sociedade trata os oprimidos que não se encaixam nos seus moldes como casos individuais, marginalizados, são vistos como preguiçosos desajustados e inaptos, representam a patologia da sociedade sã, que precisa ajusta-los a ela. Ao estar à margem a solução para eles é se integrar e incorporar os moldes sociais saudáveis de onde em dado momento partiram, a resposta é ao invés de estar fora dessa sociedade se assumir e aceitarem o papel proposto dentro da sociedade.

Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em “em seres para outro”. Sua solução, pois não está em “integrar-se”, em “incorporar-se” a esta estrutura que o oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “seres para si”. (FREIRE, 1987, p. 61).

A solução apresentada pela sociedade não representa o desejo do oprimido desajustado. Esse deseja a libertação da sua servidão para o outro, buscando a modificar da sua realidade, almeja uma educação que o faça pensar criticamente e

gere consciência para si ao invés de reproduzir e perpetuar um sistema desigual que oprime a maioria em prol do lucro e bem-estar da minoria.

Montano e Duriguetto (2010) estabelece que a consciência seja determinada pela realidade social, que é reconhecida pelo sujeito a partir do conhecimento e questionamento daquela realidade e ela é uma condição para sua transformação. A objetividade (da realidade existente) e a subjetividade (dos sujeitos que dela fazem parte) unem-se em um só propósito. Ao invés do indivíduo se adequar a realidade posta como natural esse se modifica e muda a realidade reconhecendo essa como algo mutável, histórico e ao tomar consciência disso tem o saber para buscar a alteração dessa realidade injusta.

Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando as experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação, Freire (2009). Se ao invés de debater se reproduz, cria-se uma dicotomia entre o sujeito e objeto, a realidade a ser conhecida. Pois, esse conhece parcialmente esse espaço, tem uma visão desconecta da totalidade, das condições de vida.

É necessário de uma educação que estimula o pensar autêntico que não permite confundir-se pela visão parcial da realidade, que buscam e criticam as correlações de fatores que prendem um fato ao outro e questionam-se acerca da realidade promove a libertação do oprimido, bem como a mudança da sua condição.

Logo, da mesma maneira que a educação contribui com a permanência do capitalismo, ela pode desempenhar um papel para superação desse sistema, pois como instituição de formação inserida numa sociedade antagônica, dispõem de atributos que podem contribuir com a tomada de consciência, despertar o caráter transformador e emancipação dos sujeitos, tornando estes, uma geração conhecedora de seus direitos, críticos da realidade e atuantes na sociedade.

Pensar criticamente implica superar o nível da consciência ingênua, o senso comum, no qual o oprimido não consegue perceber a opressão à qual está sujeito e nem que existe um opressor, que não só “criou” a miséria, mas se alimenta dela. A passagem para a consciência crítica, neste caso, é permitir ao oprimido conseguir perceber-se oprimido e quem está usufruindo desta sua condição. (DE ARAGÃO, 2016, p.25).

Assim, ao pensar criticamente o sujeito se reconhece como oprimido e sabe quem é o seu opressor, essa tomada de consciência de sua condição, não elimina a

opressão, mas é a mola propulsora para levar os indivíduos à luta para superação desta condição, nesse sentido, a transformação da realidade social é estreitamente favorecida através da educação emancipatória.

Pois a educação emancipadora possibilita que o homem veja, analise e discuta a problemática, além da sua inserção e aproximação com a problemática. Freire (2009), que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. A educação posiciona o indivíduo em um nível de constante diálogo consigo e com outro, que ao debater concebe continuas revisões da sua prática, do contexto social. Como reforça Freire:

A superação de posições reveladoras de descrença no educando. Descrença no seu poder de fazer, de trabalhar, de discutir. Ora, a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença no homem. Na crença em que ele não só pode mas deve discutir os seus problemas. Os problemas do seu País. Do seu Continente. Do mundo. Os problemas do seu trabalho. Os problemas da própria democracia. (FREIRE, 2009, p. 96).

A educação é uma prática de bravura, determinação, é necessário ter amor por educar, para transformar. Desse modo, não se pode temer o debate, a luta, é essencial trocar ideias, discutir e debater temas construindo em conjunto entre educando e educador, se questionando e buscando respostas aquilo que lhe inquieta, reinventando o novo, incorporando o que está em volta, mudando a si e a realidade.

É através da educação que o homem se compreende e se conscientiza da sua transitividade, do devir, sua constante mudança, do seu local no mundo e papel social. É a consciência de suas limitações, a sobriedade do intelecto que permite saber a quantidade de vezes que errou e quanto dependem do outro para esse conhecimento, tendo a possibilidade de rever, analisar, criticar, participar do meio social ativamente.

É necessário se aproximar do objeto, conhecer, se distanciar do discurso teórico, que valoriza a reprodução sem criticidade, oco, vazio. Conforme Freire:

Quase sempre, ao se criticar esse gosto da palavra oca, da verbosidade, em nossa educação, se diz dela que seu pecado é ser “teórica”. Identifica-se assim, absurdamente, teoria com verbalismo. De teoria, na verdade,

precisamos nós. De teoria que implica numa inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente. (FREIRE, 2009, p. 93).

Ao invés de somente teorizar, contemplar, visto que esta prática está situada no campo do ideal, de modo sonoro e assistencialista, longe do real. É primordial se inserir nos espaços, embebedar-se da realidade posta, ter uma comunicação com o cotidiano, criar pontes entre a teoria e a prática para que se possa intervir e modificar a condição posta.

Menezes e Santiago (2014), uma educação como prática da liberdade, fundamentada na teoria da ação dialógica, que substitui o autoritarismo presente na escola tradicional pelo diálogo democrático nos diferentes espaços de vivências e de aprendizagens. Desta forma, os sujeitos são parte integrante e ativa do processo da educação, são “corpos conscientes”, pessoas históricas, história inconclusa, que está em constância construção, mudança através do diálogo, problematizar e se questionar.

2.2. O estudante do Ensino Superior: Fatores para o adoecimento mental.

Após analisar os fatores do capitalismo que influênciam o adoecimento mental, como também, discorrer sobre o tema, saúde e adoecimento mental, é necessário analisar o indivíduo que está no processo de graduação, pois esse está dentro da instituição de ensino, onde busca qualificação para o mercado de trabalho, além de satisfazer os seus projetos pessoais.

De acordo com Relatório global lançado pela OMS (2017) o adoecimento mental atinge em média 20% da população mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) afirma que no Brasil a estimativa é de 23 milhões de pessoas, decorrente das relações sociais, do ambiente, da genética do indivíduo e das condições socioeconômicas, esses são fatores que podem impulsionar caso exista a predisposição ou desencadear o processo de adoecimento que resultam em perturbação mental, stress, ansiedade, ideação suicida, uso abusivo de substâncias psicoativas e depressão. Em média a população mais afetada por essas doenças são os jovens / adultos com idade entre 18 a 25 anos período de ingresso nas IES.

Pesquisar sobre a saúde mental dos estudantes de IES é significativo, visto que ao analisar na sociedade moderna os crescentes casos em geral, os resultados

desses problemas são duradouros e repercute na saúde e bem estar do indivíduo, prejudicando o seu desenvolvimento psicossocial, cognitivo e vocacional. Decorre no meio acadêmico diminuindo o rendimento e ampliando as taxas de abandono do curso.

Cerchiari (2004) aponta que no Brasil, observa-se que a investigação sobre a qualidade de vida na população universitária é escassa, uma vez que os estudos são em número muito reduzido, fazendo-se necessário ampliar o debate acerca do adoecimento mental e qualidade de vida dos discentes de IES. Nesse sentido Nogueira salienta:

Efetivamente, falta uniformização conceptual à maioria dos estudos em EES limitando as comparações. De um modo geral é usado o termo “perturbações mentais” para designar um diagnóstico (ACHA, 2014), enquanto “problemas de saúde mental” refere-se a um conjunto mais amplo de manifestações ou comportamentos problemáticos (Eisenberg et al., 2013). (NOGUEIRA, 2017, p. 31).

Há uma disparidade de conceitos e uma variedade de instrumentos utilizados para avaliar a saúde mental, prejudicando a caracterização dessas. É fundamental diferenciar o diagnóstico da doença mental das outras problemáticas de saúde mental que surgem no cotidiano dos sujeitos, para que se possa esclarecer e promover a análise e exposição dos dados epidemiológicos, bem como a aproximação e diálogo entre os profissionais da área / pesquisadores para que haja um trato adequado visando à totalidade do indivíduo.

Frequentar o ensino superior, para a maioria dos jovens é dar um passo, avançar, é ir em busca dos seus objetivos e sonhos, a chegada até o universo universitário é por si só um alcance de objetivo, alcançado com muito sacrifícios e esforço, representa o início de um período de desenvolvimento pessoal e social, pra muitos a descoberta e a proximidade de si, isso implica em formação da identidade, autonomia, estabelecimento de novas relações, integração no meio acadêmico, pressão acadêmica e parental, questões financeiras e de responsabilidades.

O início dessa nova etapa traz consigo euforia, vontade e garra, mas porta também um período de maior estresse e angústia no processo de adaptação e aceitação. Em média os jovens apresentam a adaptação é alcançado de forma adequada e saudável, o que indicará um bom grau de resiliência.

Entretanto, a literatura aponta que há uma significativa porcentagem dos

jovens que traz consigo um conjunto de dificuldades psicológicas, com relatos de estudantes do primeiro ano com problemas pré-existent: problemas emocionais, dificuldades em lidar com o estresse, ansiedade, dificuldades relacionais, com relatos ainda dos problemas aparecidos no decorrer dos anos de graduação. (Kitzrow, 2003; Cerchiari et al, 2005; Hynn et al, 2006; Eisenberg et al, 2009; Verger et al, 2009; apud et al Almeida, 2015).

Storrie, Ahern, & Tuckett (2010) apud et al Nogueira (2017), numa revisão de literatura a respeito da saúde mental dos universitários demonstraram que os problemas dos EES se relacionam majoritariamente com ansiedade, sintomas depressivos, estresse, dificuldades interpessoais, problemas de integração e com fracasso escolar.

Os problemas na saúde mental dos estudantes interferem no amadurecimento psicossocial, vocacional e com o percurso acadêmico, influenciam na produção e desempenho acadêmico dos estudantes, pois debilita a capacidade de raciocínio, memorização, motivação e interesse do estudante com relação ao processo de estudo-ensino-aprendizagem.

Benincasa & Rezende (2006), em relação à depressão apresentam como resultado da pesquisa realizada na Universidade Federal de Uberlândia, no Brasil, estudantes avaliados retrataram uma prevalência de sintomas depressivos de 79%, sendo de grau leve 29%, de grau moderado 31% e de grau elevado 19,25%.

Estudos realizados pela De Moraes e Mascarenhas (2010) na Universidade Federal do Amazonas – UFAM visava levantar um diagnóstico do estresse, ansiedade e depressão em universitários. O seu estudo concluiu, que há a necessidade de desenvolver trabalho de atuação psicopedagógico e psicológico com os estudantes do ensino superior, com objetivo de contribuir para curar a saúde psicológica dos estudantes, o que exerceria efeitos sobre a melhoria das relações interpessoais, bem como uma melhor participação e aproveitamento dos benefícios e oportunidades oferecidos pela universidade.

Outros estudos revelam que os níveis de saúde mental nos estudantes universitários são inferiores aos da população em geral, tem-se analisado um aumento da complexidade e severidade das perturbações dos discentes: ansiedade, sintomas depressivos, dificuldades na integração, problemas alimentares, baixo rendimento acadêmico, insucesso e abandono escolar, (Amarante, 2015).

Santos (2011) explana que 80% dos estudantes diagnosticados com um

problema na saúde mental abandonaram a vida acadêmica, o que torna este problema, um tema atual e com necessidade de rápida intervenção. Em relação aos discentes do ensino superior são encontrados alguns tipos de barreiras no tocante buscarem ajuda para o seu adoecimento mental.

A primeira está ligada ao receio de qual será a resposta dada ao problema, a segunda o estigma que ainda recai sobre a saúde mental e suas perturbações; há também aqueles que acreditam conseguir lidar com os problemas ou que esses irão desaparecer com o decorrer do tempo e a falta de conhecimento sobre um órgão dentro da faculdade capaz de cuidar do seu adoecimento.

Mas não são todas que oferecem tal serviço, com a ampliação de casos de adoecimento mental as IES estão “abrindo os olhos” para necessidade de prestar orientação, aconselhamento, psicoterapia, os serviços de apoios psicológicos aos discentes, como aborda Amarante (2015), estes serviços de acompanhamento psicológico deverão ter como objetivo principal apoiar os estudantes nos processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento assim como potencializar as capacidades dos estudantes na continuação dos seus estudos.

O espaço universitário se assinala como um ambiente estressante, competitivo, e com isso, não é de se estranhar as perturbações mentais presentes entre os estudantes universitários mundialmente. A exposição de modo extenso a situações de hostilidade e exaustão pode prejudicar o organismo, a cognição, a percepção do ambiente, pois esse se caracteriza como algo danoso, afetando negativamente a qualidade da vida e a saúde do indivíduo.

Os estudantes universitários começam a ser vistos como uma população em risco, tendo em conta os estudos e as investigações feitas acerca dos seus comportamentos e da sua saúde mental, Santos (2011), fortalecendo a urgência de um trabalho de prevenção e intervenção em relação à qualidade de vida, o adoecimento mental e a saúde.

Dentre os estudantes das universidades a depressão, a ansiedade e o estresse são problemas muito comuns e frequentes. No Brasil estudantes da Universidade Federal de Uberlândia foram avaliados com o Beck Inventory apresentaram uma prevalência de sintomas depressivos de 79%, sendo 29% de grau leve, 31% de grau moderado e 19,25% de grau elevado e em Espanha dos 4821 estudantes universitários da Universidade Católica de Murcia, 55,6% apresentavam sinais de depressão Galindo, Moreno e Muñoz (2009).

É necessário analisar alguns fatores que contribuem para o adoecimento mental, a idade, entre os 18 e os 25 anos os indivíduos apresentam uma incidência e prevalência de perturbações depressiva maior que em qualquer outra faixa etária. O ano da graduação, ao longo do curso frequentado tem-se um aumento das perturbações depressivas, de ansiedade e estressantes.

A distância do núcleo familiar, por ter que morar fora e ficar distante da família, perde-se um apoio ou o desgaste dos discentes que moram longe e passam várias horas no transporte para chegar à universidade também pode vir a incentivar o adoecimento mental. Outro aspecto que incide o adoecimento mental é o fator econômico, o estado de emprego, de pressões financeiras, é notório lembrar que as relações afetivas vivenciadas pelo indivíduo contribuem para o adoecimento do mesmo.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DA SAÚDE/ ADOECIMENTO MENTAL DOS ESTUDANTES DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO.

Este capítulo será dedicado à caracterização do campo de pesquisa, o percurso metodológico traçado para realização da pesquisa e a análise, interpretação de dados e resultados.

3.1 Caracterizações do campo de pesquisa

A pesquisa foi realizada no Centro universitário Dr. Leão Sampaio, campus CRAJUBAR em Juazeiro do Norte, com os discentes do curso do serviço social. A instituição traz como missão a formação de profissionais qualificados para contribuir com o desenvolvimento do país, embasado no compromisso ético e social, visando o bem-estar e a qualidade de vida da sociedade.

Durante a graduação foi despertado uma inquietação a respeito da necessidade de uma intervenção voltada para a saúde mental, a partir de comportamentos, atitudes, expressões dos discentes. Uma vez que, o período de formação contribuirá para criação de novas perspectivas e vivências para o acadêmico, a fim de qualifica-lo para exercer de maneira satisfatória suas atividades no mercado de trabalho e na sua vida social.

3.2 Procedimentos metodológicos

O processo de pesquisa é a investigação do cotidiano, a indagação e a análise da construção do real, a descoberta das relações existente entre os aspectos que envolvem fatos, fenômenos, situações. Considerando que o objetivo do trabalho é analisar a correlação de fatores que cooperam para o processo de adoecimento mental dos discentes da UNILEÃO, a metodologia da pesquisa é de caráter descritivo, como aborda Gil (2008), esse tipo de pesquisa tem como intuito a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, essa proporciona uma nova visão acerca do problema.

Assim a abordagem utilizada é o materialismo histórico dialético, evidencia Pereira e De Souza Francioli:

O materialismo dialético, de base materialista, procura, por meio de um método dialético, compreender as transformações sociais que ocorrem na sociedade, sendo este inseparável do materialismo histórico. A partir do momento que ocorre uma transformação ou mudança também se transforma e muda a história por meio da ação do homem sobre a natureza. Sendo assim, o materialismo histórico e dialético é um método de análise do desenvolvimento humano, levando em consideração que o homem se desenvolve à medida que age e transforma a natureza e neste processo também se modifica (PEREIRA E DE SOUZA FRANCIOLI, 2012, p. 96).

Ao analisar os contextos históricos, as determinações socioeconômicas, as relações sociais de produção e de dominação com a compreensão das representações sociais, o materialismo histórico dialético trabalha também com a valorização das quantidades e da qualidade, com as contradições intrínsecas às ações e realizações humanas e com o movimento perene entre parte e todo e interioridade e exterioridade dos fenômenos.

A abordagem deu-se através da análise qualitativa, pois trabalha de maneira ética com o ser humano e o seu universo de significados, dos motivos, das relações, dos valores e atitudes. Tende a descrever e analisar um determinado fenômeno, que neste caso é o adoecimento mental e para interpreta-lo, é necessário estudar suas características, levantar opiniões, atitudes e crenças para descobrir as conexões sobre as variáveis, que nosso caso é as transformações do mundo capitalista, a saúde e o adoecimento mental, o indivíduo no processo de graduação.

O tipo de pesquisa utilizado é de campo, onde Marconi & Lakatos (1996), esclarecem que o interesse da pesquisa de campo está voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade. O pesquisador está em lócus, articulado com o ambiente e os sujeitos com intuito de captar as explicações e interpretações do que ocorre naquela realidade.

Quanto ao instrumento de coleta de dados utilizou-se o questionário com perguntas fechadas, previamente estabelecidas, composta como aborda Gil (2008), por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, sentimentos, valores, interesses, expectativas, temores, comportamentos. Dentro das possibilidades do questionário há o inventário que o participante realiza uma avaliação sobre o seu cotidiano considerando os seus interesses e vivências uma autoavaliação.

Por esse meio é possível atingir um grande contingente de pessoas

simultaneamente, garante o anonimato do entrevistado, obtém respostas mais rápidas e mais precisas, há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento, como também há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador. Como apresenta Zambello:

Na atualidade, observamos que muitas pesquisas podem ser feitas virtualmente por meio de questionários digitais – enviados através de links – que são respondidos de maneira online (o Google possui, por exemplo, versões gratuitas de programas que gerenciam questionários virtuais que após serem desenvolvidos, enviados e respondidos, sistematizam automaticamente os dados levantados e fazem, inclusive, alguns tipos mais simples tratamentos/cruzamentos estatísticos) (ZAMBELLO, 2018, p. 75).

Com intuito de evitar a impressão de diversos materiais e contribuir com o desmatamento e desperdício de papel, optou-se utilizar pelo questionário online, Google forms para aplicar o questionário, bem como facilitar o acesso para os participantes da pesquisa.

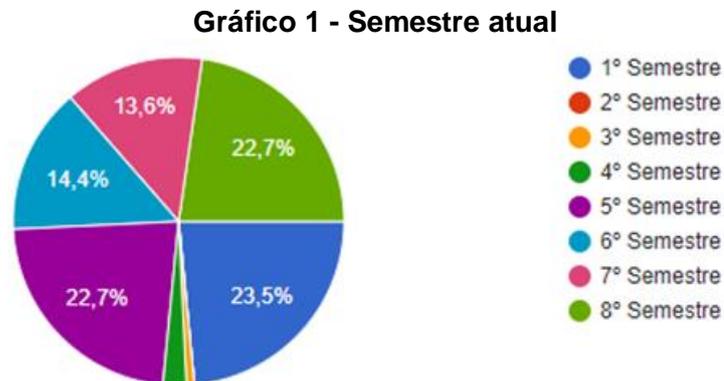
Deste modo a pesquisa traz como população 300 estudantes de serviço social da UNILEÃO, a pesquisa se deu com a amostragem de 42% do universo que equivale 132 discentes de semestres distintos ofertados pela instituição, sendo a coleta realizada no mês de maio de 2019.

A base norteadora para realização dessa pesquisa desdobra-se com os discentes da UNILEÃO, com intuito de investigar opiniões dos estudantes referentes aos aspectos causadores de pressão ou dano psicológico no processo da graduação, assim como, apontar os valores, competitividade, fetichismo, alienação e identificar a relação entre o contexto socioeconômico e a pressão gerada pela universidade.

3.3 Percursos para o adoecer

A seguir serão apresentados dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa e posteriormente os dados do inventário com a distribuição em: sempre, quase sempre, frequentemente, quase nunca e nunca; sendo que nunca e quase nunca apresentam um bem estar do indivíduo; frequentemente um alerta para possíveis cargas de estresses, desanimo e cansaço físico e/ou mental; quase sempre e sempre a presença de fatores que desencadeiem o adoecimento mental.

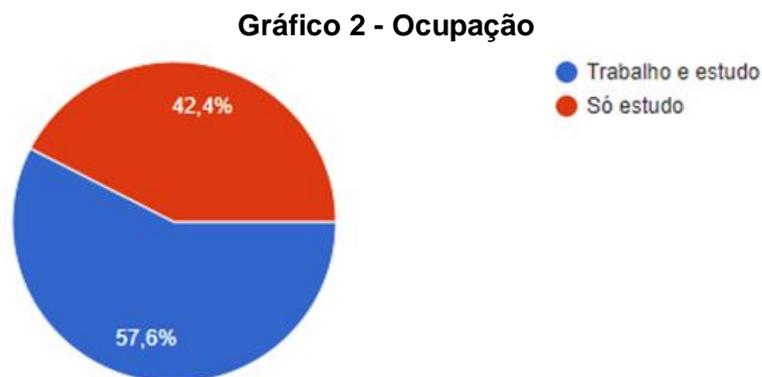
Os entrevistados estão distribuídos em 113 mulheres (85,6%) e 19 homens (14,4%) com idade entre 17 anos e 54 anos. O gráfico 1 apresenta a distribuição dos pesquisados por semestre.



Fonte: Primária, 2019.

Em relação ao semestre dos estudantes distribuem-se da seguinte forma: 1º semestre, 31 (23,5%); 2º semestre, não participaram da pesquisa, (0%); 3º semestre, 1 (0,8%); 4º semestre, 3 (2,3%); 5º semestre, 30 (22,7%); 6º semestre, 19 (14,4%); 7º semestre, 18 (13,6%) e o 8º semestre, 30 (22,7%). A amostra se estrutura no início, meio e final do curso.

O gráfico 2 discorre sobre a ocupação dos pesquisados, dividido em trabalho e estudo ou só estudo.

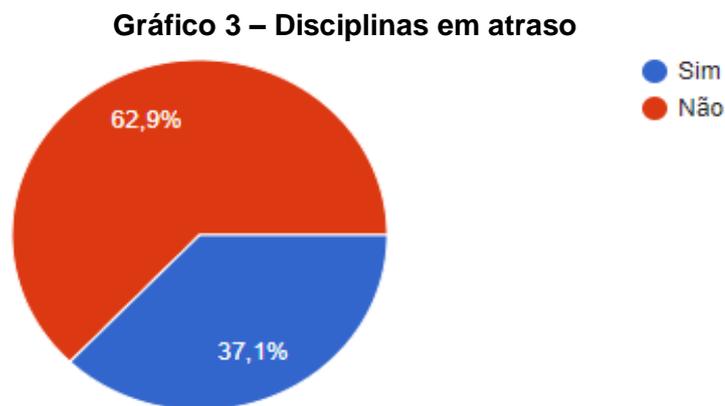


Fonte: Primária, 2019.

Sobre a ocupação dos pesquisados, 76 (57,6%) participantes trabalham e estudam, desses 57,6%, 22 (29%) são do 5º semestre e 20 (27%) são do 8º semestre, são nesses dois semestres que se concentra a maior quantidade de estudantes que trabalham; enquanto 56 (42,4%) só estudam, desses 29 (52%) que estão no início do curso, 1º semestre.

Sendo em sua maioria estudantes que trabalham, nesse grupo ocorre um esforço maior para conciliar trabalho e estudo, fora a vivência social e pessoal. Assim, estão mais suscetíveis a cargas de estresses, ampliando a capacidade de adoecimento físico ou mental devido as quantidade de esferas da sua vida para dar respostas positivas. Apresenta quase sempre, pressão familiar, mal estar, uma alimentação desregulada, dentre outros fatores.

O gráfico 3 aborda se há disciplinas em atraso.



Fonte: Primária, 2019.

83 (62,9%) não possuem disciplinas em atraso, sendo mais de 50% da amostra, expõe um dado positivo em relação ao tempo para concluir a graduação, apontando organização e administração da esfera acadêmica, desses 37% são do 1º semestre do curso.

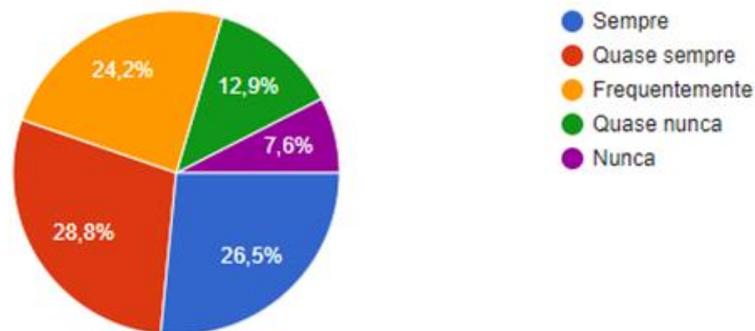
Os 25,9% que não possuem cadeiras em atraso e não são do 1º semestre, deixam de sair, relaxar, dormir, fazer atividade física, está presente nos eventos familiares para conseguir administrar a esfera acadêmica. Nesse sentido, o dado é positivo em relação que não haverá atraso para concluir o curso, já que o grupo apresenta práticas que contribuem para o esgotamento mental e físico, mal-estar, a ansiedade, discussões familiar, ou seja, não estão isento de ficarem doentes devido à graduação.

Foi verificado com os 49 (37,1%) discentes que possuem disciplinas em atraso a quantidade de disciplinas, o resultado está distribuído em 18 pessoas com uma disciplina em atraso; 14 pessoas com duas disciplinas em atraso; 13 pessoas com três disciplinas em atraso; 2 pessoas com quatro disciplinas em atraso; 1 pessoa com seis disciplinas em atraso e 1 pessoa com nove disciplinas em atraso.

Esse grupo apresenta também um mal estar por descansar, pressão por parte dos familiares e se priva de atividades de lazer para realizar atividades acadêmicas, estando também propício para o adoecimento. Mas devido a fatores externos, como distância da faculdade, trabalho, filhos e financeiro; juntamente com os fatores internos da faculdade, dificuldade no conteúdo abordado, aulas engessadas, ausência de apoio psicossocial e falta de diálogo entre discentes e docentes colaboram para a reprovação.

O gráfico 4 apresenta a frequência em que os participantes sentem-se mal por deixar de estudar para descansar ou sair.

Gráfico 4 - Sente-se mal por deixar de estudar



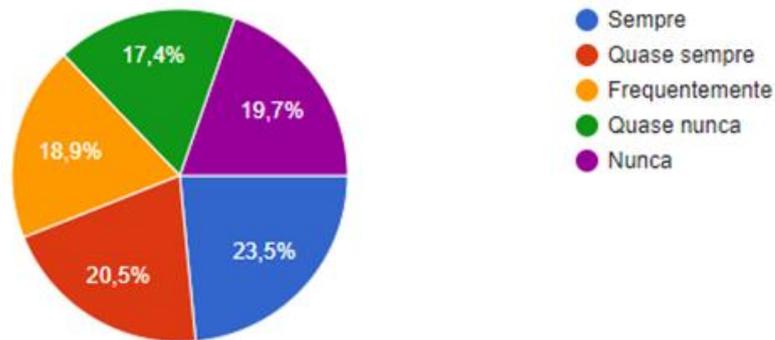
Fonte: Primária, 2019.

Responderam sempre 35 (26,5%), quase sempre 38 (28,8%), frequentemente 32 (24,2%), quase nunca 17 (12,9%) e nunca 10 (7,6%). Com a prevalência de 38 pessoas quase sempre se sentir mal por deixar de estudar, 12 (31%) são do 5º semestre e essa taxa deixa de ser quase sempre passando a ser sempre no último semestre do curso, 8º semestre com 14 (40%) do total pesquisado que responderam sempre (26,5%); evidência que com ao avançar dos semestres há uma predominância e ampliação do sintoma de mal estar por tirar um tempo para si ao invés de estudar.

Se 79,5% dos pesquisados estão entre frequentemente, quase sempre e sempre há um dado alarmante enquanto o mal-estar gerado pela necessidade de estudar e ausência de lazer, ou seja, os pesquisados ao abdicar um pouco das suas horas para realizar alguma atividade que não seja do campo acadêmico ficam com o sentimento de culpa e se martirizam, gerando ansiedade ou estresse além do desgosto do momento que deveria ser para relaxar.

O gráfico 5 demonstra com que regularidade os participantes sentem-se pressionado pelos familiares e amigos por falta de atenção devidos os estudos

Gráfico 5 - Pressão familiar, amigo e parceiro(a)



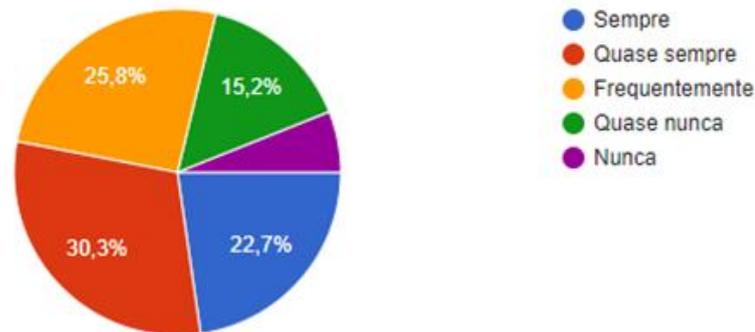
Fonte: Primária, 2019.

Resultado, sempre 31 (23,5%), quase sempre 27 (20,5%), frequentemente 25 (18,9%), quase nunca 23 (17,4%) e nunca 26 (19,7%). Nota-se que dos 31 que afirmaram que sempre ocorre uma pressão por parte dos familiares, amigos ou parceiro (a), 12 (39%) são do 8º semestre, assim, no último período do curso verifica-se maiores cobranças por participação nas atividades que não são do campo acadêmico.

Já no 1º semestre apresentou que 15 (58%) das repostas foram nunca (19,7%), demonstrando que no início da graduação os indivíduos conseguem participar das atividades fora da faculdade. Assim, há uma evolução negativa no decorrer da graduação, onde o indivíduo se afasta constantemente do núcleo familiar para focar nas práticas acadêmicas devido à pressão gerada em ter que apresentar resultados positivos constantemente.

Este fato constata que na medida em que busco atender a demanda da instituição fragilizo o laço familiar, gerando atrito e desentendimento entre o discente e um dos seus campos de vivência e já que estou com problema em um dos âmbitos da minha vida, em dado momento esse fato irá rebater negativamente nos demais círculos de vivência.

O gráfico 6 apresenta a privação de atividades de lazer em detrimento das atividades acadêmicas.

Gráfico 6 - Privação de atividades de lazer

Fonte: Primária, 2019.

Resultou em sempre 30 (22,7%), quase sempre 40 (30,3%), frequentemente 34 (25,8%), quase nunca 20 (15,2%) e nunca 8 (6,1%). A renúncia ao lazer em prol dos afazeres do mundo acadêmico ocasiona ao indivíduo um distanciamento das práticas que contribuem com seu bem-estar e a frequência com que isso ocorre amplifica as possibilidades de adoecimento.

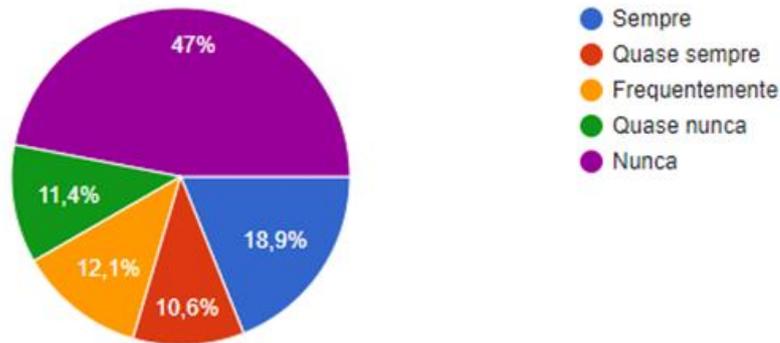
Posto que a constância dessa prática esteja presente no último ano de curso, 8º semestre com 37% (11) do total que responderam sempre, seguido pelo 5º semestre com 35% (14) do total de quase sempre, os demais semestres apresentam frequentemente a privação de lazer.

Se 104 pessoas, mais de 50% dos pesquisados estão renunciando o seu lazer para fins acadêmicos, esse grupo está em risco de desenvolver problemas físicos e psicológicos já que se o corpo e mente não tem reforços positivos que liberem as cargas de estresse, a qualquer hora este indivíduo estará esgotado e frágil.

Assim, podemos correlacionar os dados do gráfico 4 e 6 e estabelecer que o 5º e 8º semestre apontam facilidade de apresentarem estresse, ansiedade ou depressão devido a privação de lazer e desentendimento familiar gerado pelo afastamento do indivíduo devido a graduação.

Como enfatiza Surdi e Tonello (2007) sem uma boa saúde não obtém o lazer desejável e sem um bom lazer em algum aspecto nossa saúde não está legal, ou seja, sem eles será muito difícil adquirirmos um bom nível de qualidade de vida.

O gráfico 7 explana com que frequência os entrevistados tiveram que decidir entre continuar a graduação ou perder o emprego.

Gráfico 7 - Ter que decidir entre faculdade e emprego

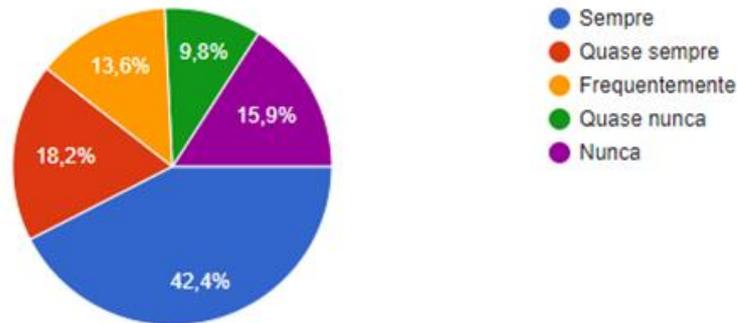
Fonte: Primária, 2019.

Responderam sempre 25 (18,9%), quase sempre 14 (10,6%), frequentemente 16 (12,1%), quase nunca 15 (11,4%) e nunca 62 (47%). A maioria dos entrevistados conseguem conciliar trabalho e estudo, mas em dado momento já se sentiu prejudicado no trabalho devido às atividades acadêmicas; além disso, 25 pessoas no decorrer da graduação perderam o trabalho para conseguir efetuar demandas da graduação, como trabalhos que envolvam pesquisa, estágio, monografia.

A perda do emprego rebate na organização financeira do indivíduo, aqueles que deixaram de trabalhar tiveram um declínio no orçamento total de sua residência, conseqüentemente as atribuições dele passaram para outro membro de sua rede afetiva, a escolha do sujeito rebate não somente nele, mas também na estrutura familiar.

A situação financeira é um dos fatores que alavancam a preocupação do indivíduo gerando estresse e ansiedade por não saber se conseguirá pagar todas as suas contas, inclusive os materiais e mensalidade da faculdade; desse modo o quesito financeiro é um dos fatores que mais contribuem para o trancamento ou desistência do curso.

O gráfico 8 expõe a frequência com que os entrevistados deixaram de realizar atividades físicas por conta da faculdade.

Gráfico 8 - Parou de realizar atividade física

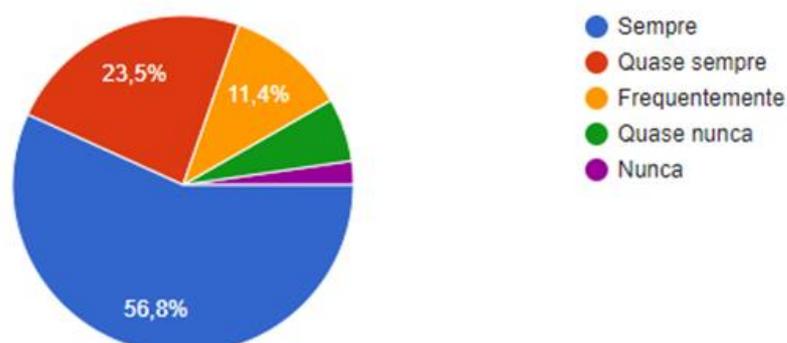
Fonte: Primária, 2019.

Sempre 56 (42,4%), quase sempre (18,2%), frequentemente (13,6%), quase nunca (9,8) e nunca (15,9%). A maioria dos pesquisados deixaram de praticar atividades físicas em razão da academia, o 8º semestre 14 (25%), 5º semestre com 14 (25%), 7º semestre com 10 (18%) representam quase 50% de cada turma.

A prática regular de exercícios físicos de acordo com Samulski & Noce (2000) contribui positivamente para redução de níveis de ansiedade, aumento do bem estar físico e psicológico, ampliando a disposição física e mental. A falta de exercícios físicos nos acadêmicos podem contribuir para o aparecimento ou aumento de níveis de ansiedade estresse.

A faculdade intercalada com trabalho, família e amigos gera uma correria constante na vida do indivíduo, onde este estar em frenesi para satisfazer suas vontades e as demandas desses setores, este corre-corre por vezes impossibilita a realização de atividades que possam contribuir para o bem-estar já que os horários estão repletos de atribuições.

O gráfico 9 discorre sobre a alimentação desregulada devido o horário de chegada e saída da faculdade.

Gráfico 9 - Alimentação desregulada

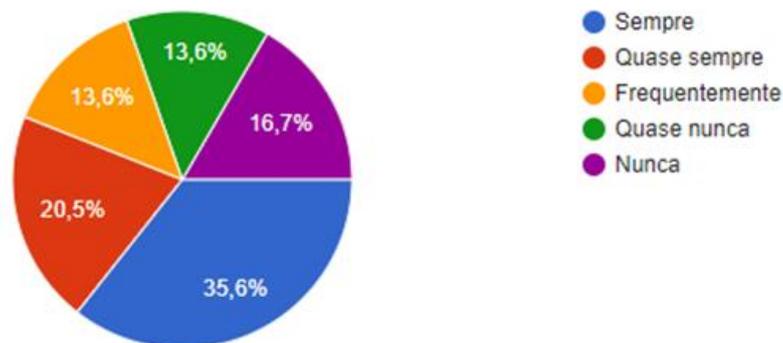
Fonte: Primária, 2019.

Sempre 75 (56,6%), quase sempre 31 (23,5), frequentemente 15 (11,4%), quase nunca 8 (6,1%) e nunca (2,3%), ou seja, mais de 50% dos pesquisados tem uma alimentação irregular. Yoshioka (2012), afirma que são muitas as causas relacionadas às alterações da química cerebral e que refletem nos transtornos psiquiátricos e um desses fatores é deficiência alimentar; nesse sentido a faculdade contribui para que os estudantes não tenham uma boa alimentação, colaborando também para possíveis transtornos.

Dada a pressa para chegar no horário de aula, é necessário por vezes alimentar-se em casa aqueles que moram longe e necessitam de transporte para chegar à faculdade ou para aqueles que se alimentam na faculdade devido trabalho. Esse fluxo não permite um horário certo e adequado para se alimentar em consonância com as outras refeições realizada no decorrer do dia e o horário de chegada em casa que geralmente é muito tarde também não favorece uma refeição adequada.

O gráfico 10 mostra a frequência com que os pesquisados escutam do corpo docente e discente que se deixa de viver devido à graduação.

Gráfico 10 - Discurso que se deixa de viver devido à graduação



Fonte: Primária, 2019.

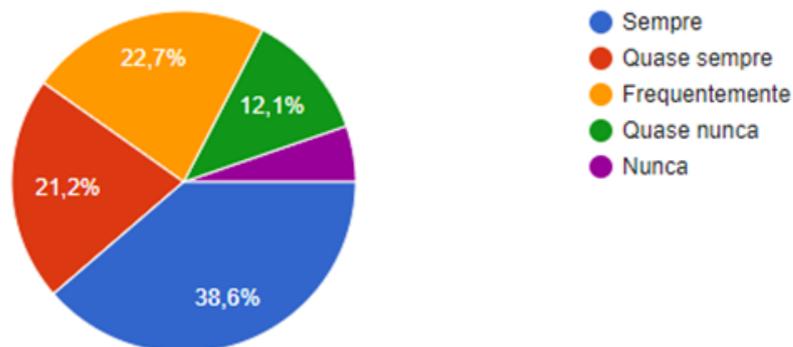
Sempre 47 (35,6%), quase sempre 27 (20,5%), frequentemente 18 (13,6%), quase nunca 18 (13,6%) e nunca 22 (16,7%). Boa parcela dos pesquisados já ouviram dos integrantes da academia que não há vida no período da graduação e que isso é normal, o 8º semestre com 15 (32%) dos que responderam sempre, ou seja, 50% da turma do último semestre do curso ouviu ou reproduz que é normal não estar normal, seguido do 5º semestre com 12 (25,5%) que também vivenciaram o mesmo discurso.

O dado demonstra a necessidade de intervenção, ações para com esse público visto que como já foi apresentado no capítulo anterior e evidenciado nos gráficos 4 a 10, o comportamento dos entrevistados não são de pessoas que apresentem um bem-estar e o processo de graduação amplia ou contribui para o adoecimento do indivíduo.

Tal discurso apresenta uma reprodução seja pelos docentes que também já estiveram no lugar dos estudantes e já escutaram no decorrer da sua graduação, seja por parte dos colegas de curso, evidenciando assim que não é normal chegar a extremos para conseguir atender as demandas da faculdade e que tais atos podem resultar em danos permanentes para os acadêmicos.

O gráfico 11 retrata a frequência com que os entrevistados mudam a hora de dormir devido à necessidade de estudar.

Gráfico 11 - Mudança no horário de dormir



Fonte: Primária, 2019.

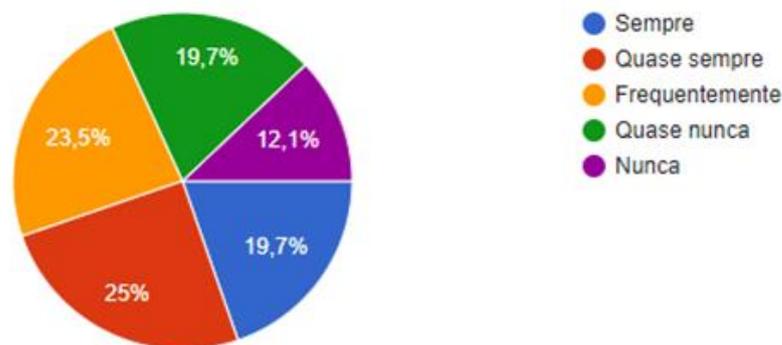
Sempre 51 (38,6%), quase sempre 28 (21,2%), frequentemente 30 (22,7%), quase nunca 16 (12,1%) e nunca 7 (5,3%). Em relação à qualidade de sono, os pesquisados apresentam a falta de qualidade devido os estudos, enquanto 23 pessoas apresentam um sono regular; 109 mostram que o sono irregular é gerado pela as atribuições da faculdade.

Turco (2011), o sono é amplamente reconhecido, tanto quanto são claras as implicações e consequências da ausência de um sono reparador, que permite boa saúde e disposição física e mental, nesse sentido, os distúrbios relacionados ao sono ocorrem com grande frequência, e as causas e a real extensão de seus danos reclamam maior atenção.

Devido às atribuições da faculdade por vezes os pesquisados dormem minimamente ou viram a noite para produzir e entregar no prazo as atividades, assim a falta de sono pode gerar insônia e diminuir a atenção do indivíduo que não conseguirá concentrar-se e participar das aulas devido à sonolência gerada pela falta de sono.

O gráfico 12 apresenta a frequência com que os participantes sentem angústia no decorrer das aulas.

Gráfico 12 - Sente angústia no decorrer das aulas

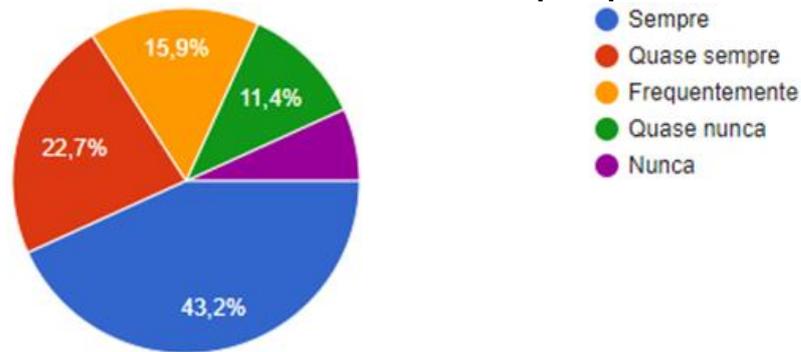


Fonte: Primária, 2019.

Sempre 26 (19,7%), quase sempre 33 (25%), frequentemente 31 (23,5%), quase nunca 26 (19,7%) e nunca 16 (12,1%). É necessário explanar e investigar os causadores ou possíveis geradores dessa angústia que estar presente em mais de 50% dos entrevistados, seja a faculdade ou a vida social do indivíduo a angústia é uma das características da depressão (debatida no capítulo 2), além do que, esse pode ser um dos fatores que venham a fazer com o estudante desista do curso ou tenha um baixo rendimento.

O 8º semestre apresenta 14 (54%) das pessoas que estão sempre angustiadas, seguidas do 5º semestre com 13 (39%) dos que responderam quase sempre estar angustiado e 8 (25,8%) estão frequentemente angustiados são do 1º semestre. Desde o início do curso é apresentando uma frequência de angústia nos estudantes que se ampliam para quase sempre e sempre no avançar do curso, esse dado representa um grupo que está em risco de desenvolver a depressão, seja por fatores internos ou externos da faculdade.

O gráfico 13 apresenta a opinião dos entrevistados sobre a individualidade e disputa por nota.

Gráfico 13 - individualidade e disputa por nota

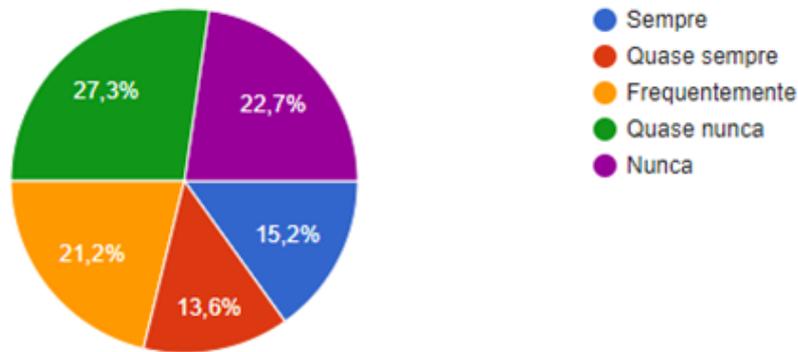
Fonte: Primária, 2019.

Sempre 57 (43,2%), quase sempre 30 (22,7%), frequentemente 21 (15,9%), quase nunca 15 (11,4%) e nunca 9 (6,8%). O processo de graduação reconhece e salienta as imposições do mundo capitalista, da sociedade, bem como o processo avaliativo para que eu tenha sucesso é necessário derrubar, excluir o outro; na graduação os colegas de sala são visto como concorrentes empecilhos para o triunfo.

Essa postura distância a possibilidade de criar laços, vínculos entre os indivíduos além de contribuir para a ganância e fetiche de ser o melhor, acabam produzindo máquinas e não seres humanos. Nessa perspectiva podem gerar um profissional mecanizado, burocrático e funcional, atendendo somente a necessidade do sistema ao invés de olhar para o outro e promover ações que resolvam a demanda do usuário, pois se no processo de graduação eu olho somente para mim, na atuação profissional por que irei olhar e atender a demanda do outro? Pode-se fazer o mínimo e ganhar do mesmo jeito, além do que a individualidade cria muros ao invés de pontes e a comunicação entre esse profissional individualizado e a equipe será uma relação frágil.

Bauman (2004) apresenta que as relações líquidas em que vivemos trazem consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos; a segurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos. Assim, o indivíduo ao se relacionar com o outro cria vínculo superficial e não duradouro devido o desejo e imposição de ser o melhor.

O gráfico 14 é referente à tendência dos entrevistados em desistir do curso.

Gráfico 14 - Desistir do curso

Fonte: Primária, 2019.

Sempre 20 (15,2%), quase sempre 18 (13,6%), frequentemente 28 (21,2%), quase nunca 36 (27,3%) e nunca 30 (22,7%), ou seja, 66 pessoas se identificam com o curso e não pensam em desistir apesar dos fatores evidenciados, mas há uma boa parcela que pensa em desistir, frequentemente o 5º semestre com 10 (36%) e sempre o 8º semestre com 8 (40%). Esse dado revela ainda mais a necessidade de intervenção e acompanhamento para com os discentes no decorrer dos semestres, já que mesmo com mais de 50% ou na reta final do curso existem pessoas que querem desistir do curso/profissão.

Os participantes foram questionados quais são os contributos para o desejo de largar a graduação no 1º semestre são: a desmotivação, o cansaço, não ser o curso desejado e a possibilidade de transferência, representando assim uma não identificação com o serviço social logo de início, estando atrelados a grade curricular ou o conhecimento com a relevância da prática profissional.

O 3º e 4º semestre apresenta a falta de atrativo para estar na academia, bem como, o trato da instituição com os estudantes, sendo visto somente como números e não pessoas que por vezes precisam de apoio para estar ali.

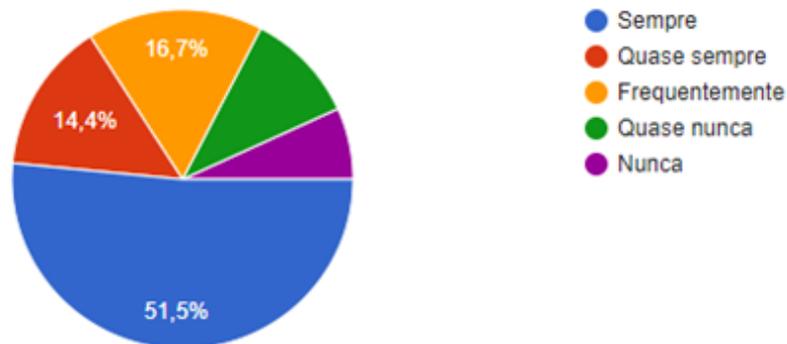
No 5º, 6º, 7º e o 8º semestre varia entre falta de energia, cansaço físico e mental, desmotivação, a falta de prevenção de saúde mental, morar fora, financeiro, ser tratado como máquinas, o sentimento de incapacidade, a insatisfação com o curso, falta de estímulo, monotonia e presença de contradições da instituição, vida familiar, situações de opressão dentro do campo acadêmico, reprodução de conteúdos, desvalorização da categoria e desemprego.

São diversos os fatores que levam os pesquisados a quererem desistir do curso, boa parcela atrelados ao social, financeiro e distância. A maioria parcela cita

aparates da instituição, como insatisfação com a grade curricular, a ausência de diálogo entre coordenação, professores e alunos, a metodologia de ensino e a maneira avaliativa são peças que desmotivam no decorrer dos semestres.

O gráfico 15 revela a necessidade que os participantes sentem de intervenção e apoio biopsicossocial por parte da instituição.

Gráfico 15 - necessidade de intervenção e promoção de apoio institucional



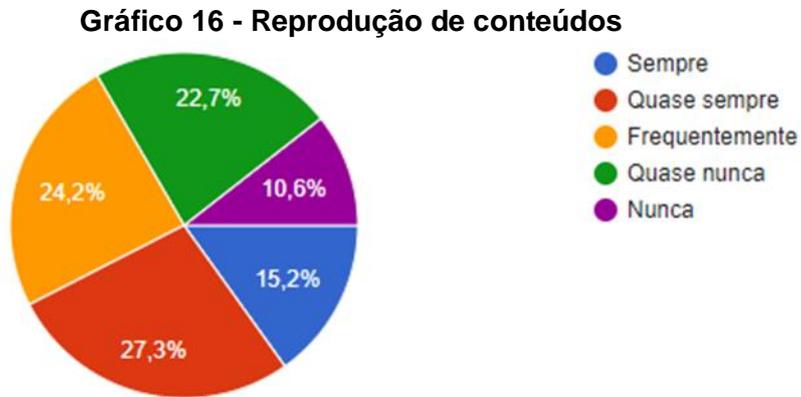
Fonte: Primária, 2019.

Sempre 68 (51,5%), quase sempre 19 (14,4%), frequentemente 22 (16,7%), quase nunca 14 (10,6%), e nunca 9 (6,8%). Às 23 pessoas que responderam quase nunca afirmam que não conhecem a temática, dando ênfase na ausência de práticas que discutam o tema, ou seja, não é que esse grupo esteja com o bem-estar em dia, mas a falta de conhecimento da importância da saúde mental no ambiente universitário fez com que optassem pelas opções quase nunca e nunca.

Já às 109 pessoas que votaram sempre, quase sempre ou frequentemente afirmam que o apoio é de extrema relevância, pois o acadêmico é um ser múltiplo e perpassa por vários aspectos, não devendo ser somente cobrado pela instituição, necessitando também de um auxílio para que possa entender sobre si, administrar as esferas da sua vida e não desistir do curso.

É elencado como necessário programas de apoio social, psicológico e biológico para com os estudantes, ou seja, uma equipe com psicólogo, assistente social, fisioterapeuta, nutricionista e educador físico, além da ampliação do debate sobre a temática, aulas mais dinâmicas e uma maior convergência entre coordenação, professores e alunos para que através do diálogo possam construir junto um espaço gerador de bem-estar.

O gráfico 16 demonstra a opinião dos estudantes referente à reprodução de conteúdo ao invés de conhecimento crítico por cobrança dos professores.



Fonte: Primária, 2019.

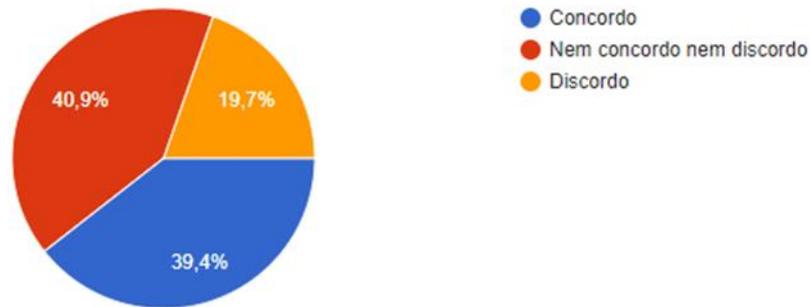
Sempre 20 (15,2%), quase sempre 36 (27,3%), frequentemente 32 (24,2%), quase nunca 30 (22,7%) e nunca 14 (10,6%). Enquanto 34 pessoas nunca ou quase nunca necessitou reproduzir somente o conteúdo sem teor crítico, 88 pessoas sejam frequentemente, quase sempre ou sempre afirma que necessitou reproduzir somente o conteúdo por cobrança do professor.

O resultado apresenta uma dicotomia, ao mesmo tempo em que 33,3% utiliza da criticidade e não somente a reprodução de conteúdo, 66,7% necessita reproduzir mais o conteúdo do que o conhecimento crítico. Nesse sentido o papel do professor é fundamental para formação desses indivíduos, como vimos no capítulo 2, à educação tem um papel dual podendo formar tanto reprodutores de conhecimento como questionadores desses conhecimentos.

É necessário ampliar a discussão e elevar e despertar nos indivíduos o conhecimento questionador, para que esses se tornem participantes e ativos para que no processo de graduação forme agentes transformadores da realidade ao invés de reprodutores funcionais do capitalismo, principalmente os profissionais de serviço social que de acordo com seu código de ética, Brasil (2012), dentre os princípios fundamentais está à ampliação e consolidação da cidadania, bem como, à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras.

O gráfico 17 traz a posição dos pesquisados diante a formação dada pela instituição e o assistente social que o indivíduo deseja ser.

Gráfico 17 - A instituição forma o profissional que você deseja ser



Fonte: Primária, 2019.

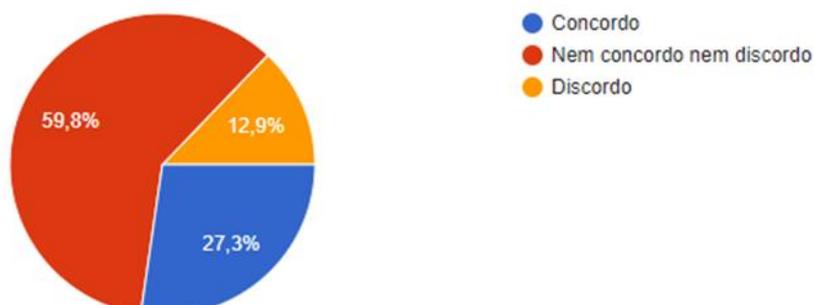
Concordo 52 (39,4%), 54 (40,9%) e discordo 26 (19,7%). Há uma parcela satisfeita com a contribuição da instituição para formação do profissional, onde se sente preparado para o mercado do trabalho devido as vivencias e o conhecimento adquirido no decorre da graduação.

Já 80 pessoas não estão satisfeita com a formação ou não tem uma opinião formada sobre essa pauta. É de extrema importância ações que aproximem o discurso da prática, além de ações em que os discentes possam opinar e se posicionar seja no início dos semestres no planejamento anual da instituição, seja no decorrer dos semestres com avaliação institucional.

O segundo ponto já ocorre com frequência, mas devido às requisições dos estudantes não serem atendidas criou-se certa resistência em participar dessas ações. Portanto novas formas de aproximar instituição e discente resulta em reversão do quadro da influência positiva da faculdade na formação dos discentes diminuindo ainda mais o índice de insatisfação e clarificando positivamente aqueles que têm dúvidas sobre a formação.

Por fim o gráfico 18 explora a posição dos pesquisados diante do sentir-se preparado para o mercado de trabalho.

Gráfico 18- Preparado para o mercado de trabalho



Fonte: Primária, 2019.

Concordo 36 (27,3%), nem concordo e nem discordo 79 (59,8%) e discordo 17 (12,9%). Dos 27,3% que acredita estar preparado para o mercado de trabalho, 17 (49,6%) são do primeiro semestre e ao avançar dos semestres há um declínio para dúvida de estar preparado ou não para o mercado de trabalho, já que o 8º semestre na reta final do curso e entrará para concorrência do mercado com 20 (25%), seguido de mais de 50% de cada semestre que está próximo de vivenciar estágio, o caso do 5º semestre ou está em período de estágio no caso do 6º e 7º semestre estão incertos enquanto o preparo para o mercado de trabalho.

Assim, se faz necessário um debate maior em volta do mercado de trabalho, além de uma aproximação da prática do profissional para que os discentes possam correlacionar teoria e prática, já que no decorrer da graduação por meios dos estágios ou no fim da graduação que estarão na busca de emprego, os estudantes possam estar seguros da sua capacidade e deem o melhor de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de graduação modifica a rotina do indivíduo ampliando a probabilidade de comportamentos de risco tais como, a má alimentação, sono e atividade física irregular acarretando em problemas de saúde físico e mental, às consequências podem ser apresentadas logo no início do curso, mas é evidente que se amplia e agrava-se no decorrer dos semestres, é evidente que um trabalho de intervenção e promoção o mais precoce possível proporciona maiores ganhos ao bem-estar do indivíduo.

Para tal é necessário mais estudos epidemiológicos, ou seja, análise dos determinantes que coopera para os problemas deste grupo a fim de fornecer elementos importantes para auxiliar na formulação de medidas, já que os sujeitos que estão no percurso para graduar-se irão contribuir com a sociedade, mas se o indivíduo está propício ou adoecido a sua prática estará comprometida.

O presente estudo buscou analisar a correlação de fatores que contribuem para o processo de adoecimento mental dos discentes. A população alvo foram os estudantes do curso de serviço social da UNILEÃO, com total de 132 participantes; o referido grupo representa uma população que realiza práticas que põem em risco e deixam suscetíveis ao adoecimento.

No início da pesquisa elencaram-se hipóteses que foram comprovadas no decorrer do estudo. A primeira hipótese, a tensão gerada para obter uma boa nota, faz com que os alunos reproduzam conteúdos ao invés de um conhecimento crítico, confirmar se a partir da análise do gráfico 16 com 66,7% dos pesquisados necessitam reproduzir o conteúdo para que obtenha uma boa nota.

A segunda hipótese, em decorrência das exigências do capitalismo, as relações sociais se tornam mais competitivas e individualizadas gerando uma pressão social para aqueles que buscam alcançar os seus objetivos. Constata-se a partir do estudo levantado no capítulo 1 e no gráfico 13 com mais de 80% dos pesquisados afirmando que frequentemente, quase sempre ou sempre há individualidade.

A terceira hipótese, não há estratégias institucionais de intervenção que promovam suporte psicológico, pedagógico e social no percurso de graduação. Comprova-se a partir da pesquisa apresentada no capítulo 3, pois apresenta os sintomas e circunstâncias geradoras do adoecimento, bem como, 82,6% dos

pesquisados solicitam apoio da instituição em relação a fatores sociais, biológicos e psicológicos.

Em relação aos objetivos específicos da pesquisa, o primeiro objetivo foi apontar os valores capitalista: competitividade, fetichismo e alienação. A análise demonstra que tais valores estão presentes na academia na medida em que os discentes competem entre si, seja por nota, atenção ou elogio, essa prática amplia-se no decorrer dos semestres evidenciando que os aparates do capital estão intrínsecos no mundo da graduação, já que é um espaço de trabalho e esse se ajusta para atender as demandas do sistema, bem como é um espaço de educação que através de seu sistema arcaico de avaliação, desvaloriza as múltiplas perspectivas dos estudantes.

O segundo foi identificar o contexto socioeconômico e a pressão gerada pela universidade. O cenário é de constante modificação, é necessário estar atualizado, ser propositivo e apresentar respostas positivas sempre, caso contrário será descartado; a universidade pressiona cobra do indivíduo sem levar em consideração as particularidades da vida, trata como máquina ao invés de ser humano; dessa forma o campo acadêmico contribui para o surgimento de problemas na vida desse sujeito.

Por fim buscamos investigar opiniões dos estudantes referentes aos aspectos causadores de pressão ou dano psicológico no processo de graduação. Constatamos assim que há uma parcela considerável de estudantes que estão em sofrimento ou estão em risco de vir a sofrer devido à graduação.

Um dos principais obstáculos é o desconhecimento da temática, tal como, quais são as propostas institucionais; além da vinculação dos problemas de saúde mental com o estigma de doença-loucura. É fundamental o envolvimento da instituição na vida acadêmica do aluno de maneira que venha a prevenir, encaminhar e intervir, ou seja, com uma equipe com psicólogo, assistente social, fisioterapeuta, nutricionista e educador físico, possa promover bem-estar na comunidade estudantil, que esses sejam conhecedores da importância da saúde mental, estejam atentos aos sinais e sintomas e aos cuidados necessários.

Apresenta-se como dificuldade no decorrer da construção do trabalho, o conciliar faculdade, emprego, vida social. Visto que no processo de criação ampliou-se o afastamento da família, amigos; as noites acordado, a falta de alimentação e de sono que culminaram no estresse e desgaste psíquico.

O objetivo máximo deste trabalho é contribuir com a sensibilidade de todos que estão envolvidos no ensino, aprendizado e formação; é indispensável o debate, o alerta, a identificação, o encaminhamento, o saber e a discussão com todos que possam estar a precisar de qualquer tipo de apoio. Se a missão é além de formar promover bem-estar, que possamos sair do papel e pôr em prática para que possamos abraçar o novo e transformar a realidade posta.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jorge Salvador Pinto de. **A saúde mental global, a depressão, a ansiedade e os comportamentos de risco nos estudantes do ensino superior: estudo de prevalência e correlação.** 2015.
- ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação e crise do sindicalismo.** São Paulo: Boitempo editorial, 2000.
- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni Antônio Pinto. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital.** Educação & Sociedade, p. 335-351, 2004.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** Artmed Editora, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2004.
- Benincasa, M., & Rezende, M. (2006). **Tristeza e suicídio entre adolescentes: fatores de risco e proteção.** Boletim de Psicologia, LVI(124), 93–110.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista.** Zahar, 1988.
- BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. **A saúde e seus determinantes sociais. Physis: revista de saúde coletiva,** v. 17, p. 77-93, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a06.pdf>. Acessado em 10/03/2019.
- BRASIL. Código de ética do/a assistente social. **Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão.** - 10ª. ed. rev. e atual. - [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2012].
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura** – vol. 1. 8ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CERCHIARI, Edneia Albino Nunes et al. **Saúde mental e qualidade de vida em estudantes universitários.** 2004.
- COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural.** Brasiliense, 1980.
- CLAUDINO, J.; Cordeiro, R. **Níveis de ansiedade e depressão nos alunos do curso de licenciatura em enfermagem, o caso particular dos alunos da escola superior de saúde de Portalegre.** Educação, Ciência E Tecnologia, 2005.
- DE ARAGÃO, BRUNA GURGEL. **Alienação ou Emancipação: A educação e o seu papel na sociedade.** UNIRIO, 2016.
- DE MORAIS, Lerkiane Miranda; MASCARENHAS, Suely; RIBEIRO, José Luís Pais.

Diagnóstico do estresse, ansiedade e depressão em universitários: desafios para um serviço de orientação e promoção da saúde psicológica na universidade: um estudo com estudantes da Ufam-Brasil, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALINDO, S. B.; Moreno, I. M.; Muñoz, J. G. (2009). **Prevalencia de la ansiedad y depresion en una población de estudiantes universitarios: factores académicos y sociofamiliares asociados.** Clinica y Salud, 20(2), 177-187. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/pdf/clinsa/v20n2/v20n2a06.pdf>. Acessado em 12/03/2019

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** 11ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002

LALONDE, Marc (1997). The physician and health promotion. **Canadian Medical Association Journal**, 116(7), 1040-1045. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/bmc.1879036/pdf/canmeda701503.1085.pdf> . Acessado em 15/03/2019.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LIPP, M. E. N. **Manual do inventário de sintomas de estresse para adultos.** São Paulo: Contexto, 2000.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Crítica da Educação e do ensino.** Introdução e notas e Roger Dangeville. Lisboa, Portugal: Moraes, 1978.

MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos (Primeiro manuscrito).** São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX, Karl. **O Capital. Vol. 1.** 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1974.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política.** 6 vols. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

MENEZES, Marília Gabriela de; SANTIAGO, Maria Eliete. **Contribuição do**

pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. 2014.

MONTANO, Carlos; DURIGUETTO, Maria Lúcia. Estado, **classe e movimento social**. São Paulo: Cortez, 2010.

NOBRE, Francisco Edileudo; SULZART, Silvano. **O papel social da escola**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 08, Vol. 03, pp. 103-115, Agosto de 2018.

NOGUEIRA, Maria José Carvalho. **Saúde mental em estudantes do ensino superior: fatores protetores e fatores de vulnerabilidade**. 2017.

OLIVEIRA, João Ferreira de. **A função social da educação e da escola pública: tensões, desafios e perspectivas. Crise da escola e políticas educativas**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 237-251, 2009.

OLIVEIRA, Vini. (2016). **Escola dos “tempos modernos”**. Disponível em: <https://vinioliveiracharges.wordpress.com/2016/01/28/escola-dos-tempos-modernos/>. Acessado em 20/04/2019.

OMS. **OMS registra aumento de casos de depressão em todo o mundo; no Brasil são 11,5 milhões de pessoas**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-registra-aumento-de-casos-de-depressao-em-todo-o-mundo-no-brasil-sao-115-milhoes-de-pessoas/>. Acessado em 15/03/2019.

OMS. WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO) *et al.* **Relatório mundial da saúde-Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Lisboa: Direção-Geral da Saúde, 2002.

PEDROSO, Márcia Naiar Cerdote. **A formação do novo trabalhador frente a reestruturação do trabalho e da produção. Sociedade em Debate**, v. 13, n. 1, p. 121-137, 2012.

PEREIRA, Joao Junior Bonfim Joia; DE SOUZA FRANCIOLI, Fatima Aparecida. **Materialismo histórico-dialético: contribuições para a teoria histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, v. 3, n. 2, p. 93-101, 2012.

RUBIN, Isaak Illich. **A Teoria Marxista do Valor**. Tradução de José Bonifácio de S. Amaral Filho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

SANTOS, M.; Pereira, A.; Veiga, F. (2011). **Saúde mental e comportamentos de risco em estudantes universitários**. Dep. Educação. Universidade de Aveiro. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/6738>. Acessado em 16/03/2019.

SAMULSKI, Dietmar Martin; NOCE, Franco. **A importância da atividade física para a saúde e qualidade de vida: um estudo entre professores, alunos e funcionários da UFMG**. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, v. 5, n. 1, p. 5-21, 2000. Disponível em: <http://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/992/1140>.

Acessado em 18/05/2019.

SILVA, Fábio César da. **O fetichismo da mercadoria cultural em TW Adorno**. 2012.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Mutações do trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 1999.

SIQUEIRA, Vinicius. **O que é alienação em Marx? Colunas Tortas**. 2014. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/o-que-e-alienacao-em-marx/>. Acessado em 11/04/2019.

SURDI, Aguinaldo César; TONELLO, Josimar. **Lazer e saúde: algumas aproximações em direção à melhoria da qualidade de vida das pessoas**. Visão Global-DESCONTINUADO A PARTIR DE 2013, v. 10, n. 2, p. 201-228, 2007.

SYNGLI, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

TURCO, Giovina Fosco *et al.* **Distúrbios do sono e qualidade de vida em crianças e adolescentes obesos—revisão bibliográfica**. Neurobiologia, v. 74, n. 2, p. 171-180, 2011.

WALBERT, Allan. **Saúde mental: transtornos atingem cerca de 23 milhões de brasileiros**. EBC. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/saude/2013/05/saude-mental-em-numeros-cerca-de-23-milhoes-de-brasileiros-passam-por>. Acessado em 02/05/2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World health statistics 2017: monitoring health for the SDGs, Sustainable Development Goals**. Switzerland, 2017. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/255336/1/9789241565486-eng.pdf?ua=1>. Acessado em 20/05/2019

YOSHIOKA, Silvia E. **Sua alimentação e sua saúde mental**. Disponível em < <http://www.utfpr.edu.br/servidores/portal/nutriinforma-2012/2012/saudemental.pdf> >. Acessado em 28/05/2019.

ZAMBELLO, Aline Vanessa. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico / Aline Vanessa Zambello {et al.}; organizador: Thiago Mazucato**. Penápolis: FUNEPE, 2018.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário sociodemográfico

Gênero:

Masculino

Feminino

Trans

Idade: _____

Semestre Atual: _____

1. Ocupação

Trabalho e estudo

Só estudo

2. Há Cadeiras em Atraso?

sim

não

Quantas: _____

APÊNDICE B – Inventário – fenômenos do cotidiano que contribuem para o adoecimento dos indivíduos

1. Sente-se mal por deixar de estudar para descansar ou sair?

Sempre

Quase sempre

Frequentemente

Quase nunca

Nunca

2. Sente-se pressionado(a) pelos familiares, amigos, namorado(a) por não dar atenção a eles devido os estudos?

Sempre

Quase sempre

Frequentemente

Quase nunca

Nunca

3. Priva-se de atividades de lazer para realizar atividades acadêmicas?

Sempre

Quase sempre

Frequentemente

Quase nunca

Nunca

4. Teve que decidir entre perder o emprego ou continuar a faculdade?

Sempre

Quase sempre

Frequentemente

Quase nunca

Nunca

5. Parou de realizar atividade física em detrimento de ações ou estudo da faculdade?

Sempre

Quase sempre

Frequentemente

Quase nunca

Nunca

6. Tem a alimentação desregulada por conta do horário de chegar e sair da faculdade?

Sempre

Quase sempre

Frequentemente

Quase nunca

Nunca

7. Escuta do corpo discente e docente que no processo de graduação você deixa de viver?

- Sempre
- Quase sempre
- Frequentemente
- Quase nunca
- Nunca

8. Muda o horário de dormir devido à necessidade de estudar?

- Sempre
- Quase sempre
- Frequentemente
- Quase nunca
- Nunca

9. Consome medicação, energético ou café para manter-se acordado ou medicação para dormir?

- Sempre
- Quase sempre
- Frequentemente
- Quase nunca
- Nunca

10. Sente angústia nas aulas?

- Sempre
- Quase sempre
- Frequentemente
- Quase nunca
- Nunca

11. Apresenta-se com sonolência excessiva durante as aulas?

- Sempre
- Quase sempre
- Frequentemente
- Quase nunca
- Nunca

12. A ação do professor oprime a sua participação nas aulas?

- Sempre
- Quase sempre
- Frequentemente
- Quase nunca
- Nunca

13. Acredita haver individualidade e disputa por notas?

- Sempre
- Quase sempre
- Frequentemente
- Quase nunca
- Nunca

14. O professor cobra reprodução de conteúdos ao invés de um conhecimento crítico?

- Sempre
- Quase sempre
- Frequentemente
- Quase nunca
- Nunca

15. Sente necessidade de estratégias institucionais de intervenção que promovam suporte biopsicossocial?

- Sempre
- Quase sempre
- Frequentemente
- Quase nunca
- Nunca

16. Pensa em desistir do curso?

- Sempre
- Quase sempre

- Frequentemente
- Quase nunca
- Nunca

17. Quais pontos contribuem para querer desistir? (ABERTA)

18. Teme não ser um bom profissional?

- Sempre
- Quase sempre
- Frequentemente
- Quase nunca
- Nunca

19. Acredita que a instituição forma o Assistente social que deseja ser?

- Concordo () Nem concordo nem discordo () Discordo

20. Sente-se preparado para o mercado de trabalho?

- Concordo () Nem concordo nem discordo () Discordo

21. Como a faculdade poderia contribuir para a saúde mental dos discentes?

(ABERTA)

ANEXO

ANEXO A - TERMO DE ASSENTIMENTO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO**: Uma análise com estudantes do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Queremos **saber as opiniões dos estudantes referentes aos aspectos causadores de pressão ou dano psicológico no processo da graduação, apontar os valores, competitividade, fetichismo e alienação e identificar a relação entre o contexto socioeconômico e a pressão gerada pela universidade.** As pessoas que irão participar dessa pesquisa têm de **18 a 50** anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita no **Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - Campus CRAJUBAR**, onde os participantes **irão responder o questionário.** O uso do **questionário** é considerado seguro, mas, **É POSSÍVEL QUE NO ATO DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO OS SUJEITOS DA PESQUISA POSSAM SE SENTIR CONSTRANGIDOS POR SEU CONTEÚDO TRATAR DE QUESTÕES RELACIONADAS AOS SINAIS E SINTOMAS DE ADOECIMENTO MENTAL DESENCADEADOS NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO.** Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones **(88 997071378 – 88 994276388)** do pesquisador **JOSÉ DAVY BATISTA SALES.** Mas há coisas boas que podem acontecer como **FOMENTAR A NECESSIDADE DE INTERVENÇÃO E ESTRATÉGIAS QUE PROMOVAM UMA SAÚDE MENTAL NO PROCESSO DA GRADUAÇÃO VISANDO O BEM – ESTAR, AMPLIAR A DISCUSSÃO DO TEMA, CONSCIENTIZANDO OS INDIVÍDUOS E INSTITUIÇÃO, ANALISAR COMO ESTÁ A SAÚDE MENTAL DOS DISCENTES.** Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as pessoas que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa **O RESULTADO DA SERÁ APRESENTADO NA REFERIDA INSTITUIÇÃO NO DIA DA DEFESA DA MONOGRAFIA.** Se você tiver alguma dúvida, você pode perguntar ao pesquisador **JOSÉ DAVY BATISTA SALES.** Eu escrevi os telefones na parte de cima desse texto. Eu

_____ aceito participar da pesquisa **SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: Uma análise com estudantes do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio**, que tem o/s objetivo(s) de **saber as opiniões dos estudantes referentes aos aspectos causadores de pressão ou dano psicológico no processo da graduação, apontar os valores, competitividade, fetichismo e alienação e identificar a relação entre o contexto socioeconômico e a pressão gerada pela universidade.** Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir que ninguém vai ficar furioso. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

ANEXO B – Termo de anuência



Declaração de Anuência da Instituição Co-participante

Eu, **Marcia de Sousa Figueiredo Teotônio**, RG: **2000029052310** e CPF: **71624805353**, Coordenadora do curso de serviço social, declaro ter lido o projeto intitulado **SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO: Uma análise com estudantes do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio de responsabilidade do pesquisador José Davy Batista Sales, CPF: 065.847.243.79 e RG: 2008215700-0** e que uma vez apresentado a esta instituição o parecer de aprovação do CEP do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, autorizaremos a realização deste projeto neste **Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, CNPJ: 02.391.959/0001-20**, tendo em vista conhecer e fazer cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a (**Resolução CNS 466/12 ou Resolução CNS 510/16**) . Declaramos ainda que esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

Juazeiro do Norte – 03 de maio de 2019


Marcia de Sousa Figueiredo Teotônio
Coordenação do curso de Serviço Social

Campus Crájabar
Av. Padre Cícero, 7830
Triângulo - Juazeiro do Norte - CE
CEP 63041-145
Fone/Fax: (0xx88) 2101.1000 e 2101.1001
CNPJ. 02.391.959/0001-20

Campus Saúde
Av. Leão Sampaio km 3
Lagoa Seca - Juazeiro do Norte - CE
CEP 63040-005
Fone: (0xx88) 2101.1050
CNPJ. 02.391.959/0002-01

Campus Lagoa Seca
Av. Maria Leticia Leite Pereira s/n
Lagoa Seca - Juazeiro do Norte - CE
CEP 63040-405
Fone: (0xx88) 2101.1046
CNPJ. 02.391.959/0003-92

Clinica Escola
Rua Ricardo Luiz de Andrade, 311
Planalto - Juazeiro do Norte - CE
CEP 63047-310
Fone: (0xx88) 2101.1065
CNPJ. 02.391.959/0004-73

NPJ - Núcleo de Prática Jurídica
Av. Maria Leticia Leite Pereira s/n
Lagoa Seca - Juazeiro do Norte - CE
CEP 63040-405
Fone: (0xx88) 2101.1071
CNPJ. 02.391.959/0005-54